

*Lendas e Narrativas*  
**de Alexandre Herculano**

**Tomo II**

ÍNDICE:

A Dama Pé de Cabra  
O Bispo Negro  
A Morte do Lidador  
De Jersey a Granville

## A DAMA PÉ DE CABRA

*Rimance de um Jogral*

(Século XI)

### TROVA PRIMEIRA

1

Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar, bem juntos ao pé de mim, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia.

E não me digam no fim: «Não pode ser.» Pois eu sei cá inventar cousas destas? Se a conto, é porque a li num livro muito velho, quase tão velho como o nosso Portugal. E o autor do livro velho leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral em seus cantares.

É uma tradição venerando; e quem descrê das tradições lá irá para onde o pague.

Juro-vos que, se me negais esta certíssima história, sois dez vezes mais descridos do que S. Tomé antes de ser grande santo. E não sei se eu estarei de ânimo de perdoar-vos, como Cristo lhe perdoou.

Silêncio profundíssimo; porque vou principiar.

2

D. Diogo Lopes era um infatigável monteiro: neves da serra no Inverno, sóis dos estevais no Verão, noites e madrugadas, disso se ria ele.

Pela manhã cedo de um dia sereno, estava D. Diogo em sua armada, em monte selvoso e agreste, esperando um porco montês, que, batido pelos caçadores, devia sair naquela assomada.

Eis senão quando começa a ouvir cantar ao longe: era um lindo, lindo cantar.

Alevantou os olhos para uma penha que lhe ficava fronteira: sobre ela estava assentada uma formosa dama: era a dama quem cantava.

O porco fica desta vez livre e quite; porque D. Diogo

Lopes não corre, voa para o penhasco.

– Quem sois vós, senhora tão gentil; quem sois, que logo me cativastes?

– Sou de tão alta linhagem como tu; porque venho do semel de reis, como tu, senhor de Biscaia.

– Se já sabeis quem eu seja, ofereço-vos a minha mão. E com ela as minhas terras e vassalos.

– Guarda as tuas terras, D. Diogo Lopes, que poucas são para seguireis tuas montarias; para o desporto e folgança de bom cavaleiro que és. Guarda os teus vassalos, senhor de Biscaia, que poucos são eles para te baterem a caça.

– Que dote, pois, gentil dama, vos posso eu oferecer digno de vós e de mim; que se a vossa beleza é divina, eu sou em toda a Espanha o rico-homem mais abastado?

– Rico-homem, rico-homem, o que eu te aceitara em arras cousa é de pouca valia; mas, apesar disso, não creio que mo concedas; porque é um legado de tua mãe, a rica-dona de Biscaia.

– E se eu te amasse mais que a minha mãe, por que não te cederia qualquer dos seus muitos legados?

– Então, se queres ver-me sempre ao pé de ti, não jures que farás o que dizes, mas dá-me disso a tua palavra.

– A la fé de cavaleiro, não darei uma; darei milhentas palavras.

– Pois sabe que para eu ser tua é preciso esqueceres-te de uma cousa que a boa rica-dona te ensinava em pequenino e que, estando para morrer, ainda te recordava.

– De quê, de quê, donzela? –, acudiu o cavaleiro com os olhos chamejantes. – De nunca dar tréguas à mourisma, nem perdoar aos cães de Mafamede? Sou bom cristão. Guai de ti e de mim, se és dessa raça danada!

– Não é isso, dom cavaleiro –, interrompeu a donzela a rir.

– O de que eu quero que te esqueças é do sinal-da-cruz: o que eu quero que me prometas é que nunca mais hás-de persignar-te.

– Isso agora é outra cousa», replicou D. Diogo, que nos folgares e devassidões perdera o caminho do Céu. E pôs-se um pouco a cismar.

E, cismando, dizia consigo: «De que servem benzeduras? Matarei mais duzentos mouros e darei uma herdade a Sant'Iago. Ela por ela. Um presente ao apóstolo e duzentas cabeças de cães de Mafamede valem bem um grosso pecado.»

E, erguendo os olhos para a dama, que sorria com ternura, exclamou:

– Seja assim: está dito. Vá, com seiscentos diabos.

E, levando a bela dama nos braços, cavalgou na mula em que viera montado.

Só quando, à noite, no seu castelo, pôde considerar miudamente as formas nuas da airosa dama, notou que tinha os pés forcados como os de cabra.

## 3

Dirá agora alguém: «Era, por certo, o demónio que entrou em casa de D. Diogo Lopes. O que lá não iria!» Pois sabei que não ia nada.

Por anos, a dama e o cavaleiro viveram em boa paz e união. Dois argumentos vivos havia disso: Inigo Guerra e Dona Sol, enlevo ambos de seu pai.

Um dia de tarde, D. Diogo voltou de montar: trazia um javali grande, muito grande. A mesa estava posta. Mandou conduzi-lo ao aposento onde comia, para se regalar de ver a excelente preia que havia preado.

Seu filho assentou-se ao pé dele: ao pé da mãe Dona Sol; e começaram alegremente seu jantar.

– Boa montaria, D. Diogo –, dizia sua mulher. – Foi uma boba e limpa caçada.

– Pelas tripas de Judas! –, respondeu o barão. – Que há bem cinco anos não colho urso ou porco montês que este valha!

Depois, enchendo de vinho o seu pichei de prata mui rico e lavrado, virou-o de golpe à saúde de todos os ricos-homens fragueiros e monteadores.

E a comer e a beber durou até a noite o jantar.

## 4

Ora deveis de saber que o senhor de Biscaia tinha um alão a quem muito queria, raivoso no travar das feras, manso com seu dono e, até, com os servos de casa.

A nobre mulher de D. Diogo tinha uma podenga preta como azeviche, esperta e ligeira que mais não havia dizer, e dela não menos prezada.

O alão estava gravemente assentado no chão defronte de

D. Diogo Lopes, com as largas orelhas pendentes e os olhos semicerrados, como quem dormitava.

A podenga negra, essa corria pelo aposento viva e inquieta, pulando como um diabrete: o pêlo liso e macio reluzia-lhe com um reflexo avermelhado.

O barão, depois da saúde *urbi et orbi* feita aos monteiros, esgotava um quírie comprido de saúdes particulares, e a cada nome uma taça.

Estava como cumpria a um rico-homem ilustre, que nada mais tinha que fazer neste mundo, senão dormir, beber, comer e caçar.

E o alão cabeceava, como um abade velho em seu coro, e a podenga saltava.

O senhor de Biscaia pegou então de um pedaço de osso Com sua carne e medula e, atirando-o ao alão, gritou-lhe:

– *Silvano*, toma lá tu, que és fragueiro: leve o diabo a podenga, que não sabe senão correr e retouçar.

O canzarrão abriu os olhos, rosnou, pôs a pata sobre o osso e, abrindo a boca, mostrou os dentes anavahados. Era como um rir deslavado.

Mas logo soltou um uivo e caiu, perneando meio morto: a podenga, de um pulo, lhe saltara à garganta, e o alão agonizava.

– Pelas barbas de D. From, meu bisavô! –, exclamou D. Diogo, pondo-se em pé, trémulo de cólera e de vinho. – A perra maldita matou-me o melhor alão da matilha; mas juro que hei-de escorchá-la.

E, virando com o pé o cão moribundo, mirava as largas feridas do nobre animal, que expirava.

– A la fé que nunca tal vi! Virgem bendita. Aqui anda cousa de Belzebu.» E dizendo e fazendo, benzia-se e persignava-se.

– Ui! –, gritou sua mulher, como se a houveram queimado.

O barão olhou para ela: viu-a com os olhos brilhantes, as faces negras, a boca torcida e os cabelos eriçados.

E ia-se alevantando, alevantando ao ar, com a pobre Dona Sol sobraçado debaixo do braço esquerdo; o direito estendia-o por cima da mesa para seu filho, D. Inigo de Biscaia.

E aquele braço crescia, alongando-se para o mesquinho, que, de medo, não ousava bulir nem falar.

E a mão da dama era preta e luzidia, como o pêlo da podenga, e as unhas tinham-se-lhe estendido bem meio palmo e recurvado em garras.

– Jesus, santo nome de Deus! –, bradou D. Diogo, a quem o terror dissipara as fumaças do vinho. E, travando de seu filho com a esquerda, fez no ar com a direita, uma e outra vez, o sinal-da-cruz.

E sua mulher deu um grande gemido e largou o braço de Inigo Guerra, que já tinha seguro, e, continuando a subir ao alto, saiu por uma grande fresta, levando a filhinha que muito chorava.

Desde esse dia não houve saber mais nem da mãe nem da filha. A podenga negra, essa sumiu-se por tal arte, que ninguém no castelo lhe tornou a pôr a vista em cima.

D. Diogo Lopes viveu muito tempo triste e aborrido, porque já não se atrevia a montar. Lembrou-se, porém, um dia de esparecer sua tristura, e, em vez de ir à caça dos cerdos, ursos e Zevras, sair à caça de mouros.

Mandou, pois, alevantar o pendão, desenferrujar e polir a caldeira, e provar seus arneses. Entregou a Inigo Guerra, que já era mancebo e cavaleiro, o governo de seus castelos, e partiu com lustrosa mesnada de homens de armas para a hoste de el-rei Ramiro, que ia em fossado contra a mourisma de Espanha.

Por muito tempo não houve dele, em Biscaia, nem novas nem mensageiros.

## TROVA SEGUNDA

## 1

Era um dia ao anoitecer: D. Inigo estava à mesa, mas não podia cear, que grandes desmaios lhe vinham ao coração. Um pajem muito mimoso e Privado, que, em Pé diante dele, esperava seu mandar, disse então para D. Inigo:

– Senhor, por que não comeis?

– Que hei-de eu comer, Brearte, se meu senhor D. Diogo está cativo de mouros, segundo rezam as cartas que ora dele são vindas?

– Mas seu resgate não é vossa mofina: dez mil Peões e mil cavaleiros tendes na mesnada de Biscaia: vamos correr terras de Mouros: serão os cativos resgate de vosso pai.

– O perro de el-rei de Leão fez sua paz com os cães de Toledo e são eles que têm preado meu pai. os condes e Potestades do rei tredo e vil não deixariam passar a boa hoste de Biscaia.

– Quereis vós, senhor, um conselho, e não vos custará nem mealha?

– Dize, dize lá, Brearte.

– Porque não ides à serra Procurar vossa mãe? Segundo ouço contar aos velhos, ela é grande fada.

– Que dizes tu, Brearte? Sabes quem é minha mãe e que casta é de fada?

– Grandes histórias tenho ouvido do que se passou certa noite neste castelo: éreis vós pequenino, e eu ainda não era nado. Os porquês destas histórias, isso Deus é que os sabe.

– Pois dir-tos-ei eu agora. Chega-te para cá, Brearte.

O pajem olhou de roda de si, quase sem o querer, e chegou-se para seu amo: era a obediência e, ainda mais, certo arrepio de medo que o faziam chegar.

– Vês tu, Brearte, aquela fresta entaipada? Foi por ali que minha mãe fugiu. Como e porquê, aposto que já to hão contado?

– Senhor, sim! Levou vossa irmã consigo...

– Responder só ao que pergunto! Sei isso. Agora cala-te.

O pajem pôs os olhos no chão, de vergonha; que era humildoso e de boa raça.

## 2

E o cavaleiro começou o seu narrar:

– Desde aquele dia maldito, meu pai pôs-se a cismar: e cismava e amesquinhava-se, perguntando a todos os monteiros velhos se, porventura, tinham lembrança de haverem no seu tempo encontrado nas brenhas alguns medos ou feiticeiras. Aqui foi um não acabar de histórias de bruxas e de almas penadas.

«Havia muitos anos que meu senhor pai se não confessava; alguns havia, também, que estava viúvo sem ter enviuvado.

«Certo domingo pela manhã, nasceu alegre o dia, como se fora de Páscoa; e meu senhor D. Diogo acordou carrancudo e triste, como costumava.

«Os sinos do mosteiro, lá em baixo no vale, tangiam tão lindamente que era um céu-aberto. Ele pôs-se a ouvi-los e sentiu uma saudade que o fez chorar.

«– Irei ter com o abade –, disse ele lá consigo. – Quero confessar-me. Quem sabe se esta tristura ainda é tentação de Satanás?

«O abade era um velhinho, santo, santo, que não o havia mais.

«Foi a ele que se confessou meu pai. Depois de dizer *mea culpa*, contou-lhe ponto por ponto a história do seu noivado.

«– Ui! filho –, bradou o frade, – fizeste maridança com uma alma penada!

«– Alma penada, não sei –, tornou D. Diogo mas era cousa do diabo.

«– Era alma em pena: digo-to eu, filho –, replicou o abade. – Sei a história dessa mulher das serras. Está escrita há mais de cem anos na última folha de um santoral godo do nosso mosteiro. Desmaios que te vêm ao coração pouco me espantam. Mais que ânsias e desmaios costumam roer lá por dentro os pobres excomungados.

«– Então, estou eu excomungado?

«– Dos pés até à cabeça; por dentro e por fora; que não há que dizer mais nada.

«E meu pai, a primeira vez na sua vida, chorava pelas barbas abaixo.

«O bom do abade amimou-o, como a uma criança; consolou-o, como a um mal-aventurado. Depois pôs-se a contar a história da dama das penhas, que é minha mãe... Deus me salve!

«E deu-lhe por penitência ir guerrear os perros sarracenos por tantos anos quantos vivera em pecado, matando tantos deles quantos dias nesses anos tinham corrido. Na conta não entravam as sextas-feiras, dia da paixão de Cristo, em que seria irreverência trosquiar a vil ralé de agarenos, cousa neste mundo mui indecente e escusada.

«Ora a história da formosa dama das serras, de verbo *ad verbum*, como estava na folha branca do santoral, rezava assim, segundo lembranças do abade:

## 3

«No tempo dos reis godos – bom tempo era esse! – havia em Biscaia um conde, senhor de um castelo posto em montanha fragosa, cercado pelas encostas e quebradas de larguíssimo sovelal. No sovelal havia todo o género de caça, e Argimiro o Negro (assim se chamava o rico-homem) gostava, como todos os nobres barões de Espanha, principalmente de três cousas boas segundo a carnalidade: da guerra, do vinho e das damas; mas ainda mais do que tudo isso, gostava de montar.

«Dama, possuía-a formosa, que era a linda condessa; vinho, não havia melhor adega que a sua; caça, era cousa que na selva não faltava.

«Seu pai, que fora caçador e fragueiro, quando estava para morrer, chamou-o e disse-lhe:

«– Hás-me-de jurar uma cousa que não te custará nada.

«Argimiro jurou que faria o que seu pai e senhor lhe ordenasse.

«– É que nunca mates fera em cama e com cria, seja urso, javali ou veado. Se assim o fizeres, Argimiro, nunca nas tuas selvas e devesas faltará em que exercites o mais nobre mister de um fidalgo. Além disso, se tu souberas o que um dia me aconteceu... Escuta-me, que é um horrendo caso...

«O velho não pôde acabar; porque a morte lhe cravou neste momento as garras. Murmurou algumas palavras emperradas, revirou os olhos e feneceu. Deus seja com a sua alma!

«Passaram depois anos: certo dia chegou ao castelo do moço conde um mensageiro de el-rei Vamba. Chamava-o el-rei a Toledo para o acompanhar com sua mesnada contra o rebelde Paulo. Os outros nobres-homens das cercanias eram, como ele, chamados.

«Antes, porém, de partirem, ajuntaram-se todos no castelo de Argimiro para fazerem uma grande montaria, com mais de cem alãos, sabujos e lebréus, cinquenta monteiros e moços de besta sem conto. Era uma vistosa caçada.

«Saíram no quarto de alva: correram vales e montes; bateram bosques e matos. Era, contudo, meio-dia e ainda não haviam alevantado porco, urso, zebra ou veado. Blasfemavam de sanha mos cavaleiros, praguejavam e depenavam as barbas.

«Argimiro, que, por longa experiência, conhecia os sítios mais profundos da espessura, sentiu lá por dentro uma tentação do diabo.

«– Os meus hóspedes –, pensava ele, – não partirão sem beberem alguns canjirões de vinho sobre uma ou duas peças de caça. Juro-o por alma de meu pai.

«E, seguido de alguns monteiros, com suas trelas de cães, afastou-se da companhia e deu a andar, a andar, até que se lançou por um vale abaixo.

«O vale era escuro e triste: corria pelo meio uma ribeira fria e mal-assombrada. As bordas da ribeira eram penhascosas e faziam muitas quebradas.

«Argimiro chegou à primeira volta do rio; parou, pôs-se a olhar de roda e achou o que procurava. Abria-se uma caverna na encosta fragosa, que descia até à estreita senda da margem por onde o cavaleiro caminhava. Argimiro entrou na boca da cova e, a um aceno, entraram após ele monteiros, moços de besta, alãos, sabujos e lebréus, fazendo grande matinada.

«Era o covil de um onagro: a fera deu um gemido e, deixando as suas crias, estendeu-se no chão e abaixou a cabeça, como quem suplicava.

«– A ela! –, gritou Argimiro; mas gritou voltando a cara. – A matilha saltou no pobre animal, que soltou outro gemido e caiu todo ensanguentado.

«Uma voz soou então nos ouvidos do conde, e dizia: – Órfãos ficaram os cachorrinhos do onagro: mas pelo onagro tu ficarás desonrado.

«– Quem ousa aqui falar agouros? –, gritou o rico-homem, olhando iroso para os monteiros. Todos guardavam silêncio; mas todos estavam pálidos.

«Argimiro pensou um momento; depois, saindo da cova, murmurou: – Vá, com mil satanases!

«E, com alegres toques de buzina e latidos da matilha, fez conduzir ao castelo a preia que tinha preado <sup>1</sup>.

«E, tomando o seu gerifalte prima em punho, ordenou aos monteiros fossem dizer aos nobres caçadores que dentro de duas horas voltassem, porque achariam em seu paço comida bem aparelhada.

«Depois, seguido dos falcoeiros, começou a encaminhar-se Para o solar, lançando nebris e falcões e ajuntando caça de Volataria, que a havia por aqueles montes mui basta.

## 4

«Dobrava a campa da torre de menagem no castelo do conde Argimiro: dobrava pela linda condessa, que seu nobre marido havia matado.

«Andas cobertas de pó a levam a enterrar ao mosteiro vizinho: os frades vão atrás das andas, cantando as orações dos finados; após os frades, vai o rico-homem vestido de grossa estamenha, cingido com uma corda, e rasgando pelas sarças e pedras os pés que leva descalços.

«Porque matou ele sua mulher, e porque ia ele descalço?

«Eis o que, a esse respeito, refere a lenda escrita na folha branca do santoral.

## 5

---

<sup>1</sup> Um jumento silvestre não seria mui delicado manjar para mesa moderna; mas o uso da carne asinina na Idade Média era vulgar.

«Dois anos duraram guerras de el-rei Vamba: foram guerras mui de contar.

«E por lá andou o rico-homem com seus bucelários, que assim se diziam então acostados e homens de armas. Fez estrondosas façanhas e cavalarias; mas voltou coberto de cicatrizes, deixando por campos de batalha gasta e consumada a sua valente mesnada.

«E, atravessando de Toledo para Biscaia, seguia-o apenas um velho escudeiro. Velho e cheio de cãs e rugas também ele era, não de anos, mas de penas e de trabalho.

«Caminhava triste e feroz no aspecto; porque de seu castelo lhe eram vindas novas de entristecer e raivar.

«E, cavalgando noite e dia por montes e por charnecas, por bosques e por jardins, imaginava no modo como descobriria se eram falsas ou verdadeiras essas novas de mau pecado.

## 6

«No solar do conde Argimiro um ano depois da sua Partida, ainda tudo dava Mostras da mágoa e saudade da condessa: as salas estavam forradas de negro; de negro eram Os trajos dela; nos Pátios interiores dos paços crescera a erva de modo que se podia ceifar; as reixas e as gelosias das janelas não se haviam tornado a abrir; descantes dos servos e servas, sons de saltérios e harpas tinham deixado de soar.

«Mas ao cabo do segundo ano tudo aparecia mudado: as colgaduras eram de Prata e matiz; brancos e vermelhos os trajos da bela condessa; Pelas janelas do paço restrugia o ruído da música e dos saraus; e o solar de Argimiro estava por dentro e por fora alindado.

«Um antigo vílico do nobre conde fora quem destas Mudanças o avisara. Doíam-lhe tantos folgares e contentamentos; doía-lhe a honra de seu senhor, Pelo que ele via e pelo que se murmurava.

«Eis aqui como se passara o caso:

## 7

«Longe do condado do ilustre barão Argimiro o Negro para as bandas de Galiza, vivia um nobre gardingo – como quem dissesse infância –, gentil-homem e mancebo, chamado Astrigildo o Alvo.

«Contava vinte e cinco anos; os sonhos das suas noites eram de formosas damas; eram de amores e deleites; mas, ao romper da manhã, todos eles se desfaziam, que, ao sair do campo, não se via senão pastoras tostadas do sol e das neves e as servas grosseiras do seu solar.

«Destas estava ele farto. Mais de cinco tinha enganado com palavras; mais de dez comprado com ouro; mais de outras dez, como nobre e senhor que era, brutalmente violado.

«Com vinte e cinco anos, já no livro da justiça divina se lhe haviam escrito mais de vinte e cinco grandes maldades.

«Uma noite sonhou Astrigildo que corria serras e vales com a rapidez do vento, montado em onagro silvestre, e que, depois, de correr muito, chegava alta noite a um solar, onde pedia gasalhado.

«E que formosa dama o recebia, e que em poucos instantes um do outro se enamorava.

«Acordou sobressaltado e, durante o dia inteiro, não pensou em outra coisa senão na formosa dama que vira naquele sonhar de madrugada.

«Três noites se repetia o sonho: três dias o mancebo cismava. Encostado à varanda de um eirado, na tarde do terceiro dia, olhava triste para as montanhas do norte, que via lá no horizonte, como nuvens pardacentas. O Sol começou a descer no poente, e ainda ele estava embebido no seu melancólico cismar.

«Por acaso, voltou então os olhos para o terreiro que lhe ficava por baixo: um onagro da floresta estava aí deitado, como se fosse manso jumento; era inteiramente semelhante àquele com que havia sonhado.

«Sonhos de três noites a fio não mentem: Astrigildo desceu à pressa ao terreiro. Sem bulir pé nem mão, o onagro deixou-se enfrear e selar; e, a Deus e à ventura, o mancebo cavalgou nele e deitou pela encosta abaixo.

«Cumprira-se tudo à risca: o onagro não corria, voava.

«Mas o céu começou de toldar-se com o anoitecer; a escuridão cresceu e desfechou em vento, trovões, chuva e raio. o mancebo perdia a tramontana, e o onagro, dobrava a carreira e bufava violentamente. Parou, enfim, a horas mortas. Sem saber como, Astrigildo achou-se junto das barreiras de um solar castelado.

«Tocou, a sua buzina, que deu um som prolongado e trémulo, porque ele tremia de susto e de frio. Apenas cessou de tocar, a ponte levadiça desceu, muitos escudeiros saíram a recebê-lo entre tochas, e as salas dos paços iluminaram-se.

«Era que também a condessa tinha por três noites sonhado!

.....

## 8

«A clepsidra aponta a hora de sexta nocturna, e ainda dura o sarau no solar do conde de Biscaia; porque a nobre condessa e o gentil Astrigildo assistem às danças e aos jogos dos libertos e servos, que, para eles espairecerem, trabalham lá na sala de armas. Mas, num aposento baixo do solar, um homem está em pé com um punhal na mão, olhar furibundo e o cabelo eriçado, parecendo escutar longínqua toada. – Outro homem está diante dele, dizendo-lhe:

«– Senhor, ainda não é tempo para punir o grande pecado. Quando eles se recolherem, aquela luz que vedes acolá há-de apagar-se. Subi então, e achareis desimpedido o caminho secreto para a câmara, que é a mesma do vosso noivado.

«E o que falava saiu, e daí a pouco a luz apagou-se, e o homem dos cabelos hirtos e do olhar esgazeado subiu por uma íngreme e tenebrosa escada.

.....

## 9

«Quando pela manhã cedo o conde Argimiro, do seu balcão principal, ordenava que levassem o corpo da condessa a um Mosteiro de donas, que ele fundara para aí ter seu momento, ele e os de sua casa, e dizia aos homens de armas que arrastassem o cadáver de Astrigildo e o despenhassem de um grande barrocal abaixo, viu um onagro silvestre deitado a um canto do pátio.

«– Um onagro assim manso é cousa que nunca vi –, disse ele ao vílico, que estava ali ao pé. – Como veio aqui este onagro?

«O vílico ia a responder, quando se ouviu uma voz: dir-se-ia que era o ar que falava.

«– Foi nele que veio Astrigildo: será ele que o levará. Por ti ficaram órfãos os filhinhos do onagro, mas por via do onagro, ficaste, oh conde, desonrado. Foste cru com as pobres feras: Deus acaba de vingá-las.

«– Misericórdia!» bradou Argimiro, porque naquele momento se lembrou da maldita caçada.

«Neste comenos os homens do conde saíam com o cadáver sangrento do mancebo: o onagro, apenas o viu, saltou como um leão no meio da turba, que fez fugir, e, travando do morto com os dentes, arrastou-o para fora do castelo, e, como se tivesse em si uma legião de demónios, foi precipitar-se com ele do barrocal abaixo.

«Era por isso que o conde ia cingido de corda e descalço, após os frades e a tumba. Queria fazer penitência no mosteiro por haver quebrado o juramento que tinha feito a seu pai.

«As almas da condessa e do gardingo caíram de chofre no inferno, por terem deixado a vida em adultério, que é pecado mortal.

«Desde esse tempo, as duas miseráveis almas têm aparecido a muita gente nos desvios da Biscaia: ela vestida de branco e vermelho, assentada nas penhas, cantando lindas toadas; ele retouçando aí perto, na figura de um onagro.

«Tal foi a história que o velho abade contou a meu pai.. e que ele me relatou a mim, antes de ir cumprir sua penitência nessa guerra de mouros que lhe foi tão fatal.

Assim concluiu Inigo Guerra. Brearte, o pajem Brearte sentia os cabelos arrepiarem-se-lhe. Por largo tempo ficou imóvel defronte de seu senhor: ambos eles em silêncio. O moço rico-homem não podia engolir bocado.

Tirou por fim da escarcela a carta de D. Diogo para a tomar a ler. As misérias e lástimas que o rico-homem aí remontava eram tais, que D. Inigo sentiu o pranto gotejar-lhe abundante pelas faces abaixo.

Então ergueu-se da mesa para se ir deitar. Nem o barão nem o pajem pregaram olho toda a noite: este de medroso, aquele de desconsolado.

E nos ouvidos de Inigo Guerra soavam contínuo as palavras de Brearte: «Porque não ides à serra procurar vossa mãe?» Só por encantamento seria, de feito, possível tirar das unhas dos mouros o nobre senhor de Biscaia.

Rompeu, finalmente, a alvorada.

## TROVA TERCEIRA

### 1

Mensageiros após mensageiros, cartas sobre cartas são vindos de Toledo a Inigo Guerra. El-rei de Leão resgatava todos os dias cavaleiros seus por cavaleiros mouros; mas não tinha váli ou caide cativo, que pudesse dar em troca por tão nobre senhor como o senhor de Biscaia.

E muitos dos redimidos eram das bandas das serras: e estes, trazendo as mensagens, contavam ainda mais lástimas do velho D. Diogo Lopes, do que, se é possível, essas de que rezavam as cartas.

– À porta do aguião, em Toledo –, diziam eles, – tem a mourisma um grande campo, todo mui bem apalancado. Aqui fazem grandes festas, guinoladas e touros nos dias dos seus perros santos, segundo lá lhos pregam e determinam catibes e ulemás.

«Gaiolas de bestas-feras muitas há aí, cousa mui de ver e pasmar: Os tigres e leões não as rompem; rompê-las mãos de homens, fora pequice tão-somente imaginário.

«Numa destas prisões, quase nu, com adovas de pés e mãos, está o ilustre rico-homem, que já foi capitão de grandes e lustrosas mesnadas.

«Cortesões costumam ser mouros com seus cativos fidalgos. Fazem esta perraria a D. Diogo Lopes, porque já são passados três anos, e não há ver seu resgate.

E os peregrinos que vinham do cativo e relatavam tais cousas, bem ceados e agasalhados no castelo, iam-se no outro dia Com Deus, levando provida a escarcela, e em boa e santa paz.

Quem não ficava em paz era D. Inigo:

– Por que não vais tu à serra? –, dizia-lhe uma voz ao ouvido.

– Por que não ides procurar vossa mãe? –, repetia-lhe o pajem Brearte.

Que lhe havia de fazer? Uma noite inteira levou em claro a pensar nisso. Pela manhã, a Deus e à sorte, ei-lo que, enfim, se resolve a tentar a aventura, bem que de seu mau grado.

Benzeu-se vinte vezes, para não ter lá de persignar-se. Rezou o *Pater*, a *Ave* e o *Credo*; porque não sabia se em breve essas orações seriam cousa de recordar-se.

E, seguido de um mastim seu predilecto, a pé e com uma ascuma na mão, foi-se através das brenhas, por uma vereda que dizia para os píncaros tristes e ermos onde era tradição que a linda dama tinha aparecido a seu pai.

## 2

Trinam os rouxinóis nos balseiros, murmuram ao longe as aguas dos regatos; ramalha a folhagem brandamente com a viração da manhã: vai uma linda madrugada.

E Inigo Guerra galga, manso e manso, os carris empinados, trepa de barrocal em barrocal e, apesar de seu muito esforço, sente bater-lhe o coração com ânsia desacostumada.

Onde as matas faziam alguma clareira ou as penhas alguma chapada, D. Inigo parava um pouco, tomando o fôlego e pondo-se a escutar.

Muito havia que andava embrenhado: o Sol ia alto, e o dia calmoso: ao canto do rouxinol seguira o rechinar da cigarra.

E encontrou uma fonte que rebentava de rochedo negro e, saltando de aresta em aresta, vinha cair em almácea tosca, onde o Sol parecia dançar no bulir das ondazinhas que fazia o despenho da cascata.

D. Inigo assentou-se à sombra da rocha e, tirando a si a monteira, matou a sede que trazia, e pôs-se a lavar o rosto e cabeça do suor e pó, que não lhe faltava.

O mastim, depois de beber, deitou-se ao pé dele e, com a língua pendente, arquejava de cansado.

De repente, o cão pôs-se em pé e arremeteu, com um grande ladro.

D. Inigo volveu os olhos: um jumento silvestre pascia na orla da clareira junto de um frondoso carvalho.

– *Tarique!* –, gritou o mancebo. – *Tarique!* – Mas *Tarique* ia avante e não escutava.

– Ai, deixa-o correr, meu filho! Não é Para O teu mastim levar a melhor desse onagro.

Isto dizia uma voz que, lá em cima no alto da penha, começou de soar.

Olhou: linda mulher estava aí assentada e, com gesto amoroso e sorriso de anjo, Para ele se inclinava.

– Minha mãe! minha mãe! –, bradou Inigo Guerra, alevantando-se; e lá consigo dizia: – *Vade retro!* Santo Hermenegildo me valha!

E como molhara a cabeça, sentiu que os cabelos se lhe iam alçando de arrepiados.

– Filho, na boca palavras doces; no coração palavras danadas. Mas que importa, se és meu filho? Dize o que queres de mim, que será tudo feito a teu talante e vontade.

O moço cavaleiro nem acertava a falar com medo. Já a este tempo *Tarique* gemia uivando debaixo dos pés do onagro.

– Cativo está de mouros há anos meu pai, D. Diogo Lopes –, disse por fim titubeando. – Quisera me ensinásseis, senhora, o modo como hei-de salvá-lo.

– Seu mal, tão bem como tu, eu sei. Se pudesse, ter-lhe-ia ocorrido sem que viesses requerê-lo; mas o velho tirano do Céu quer que ele pene tantos anos quantos viveu com a... com a que sandeus chamam Dama Pé de Cabra.

– Não blasfemeis contra Deus, minha mãe, que é enorme culpa –, interrompeu o mancebo, cada vez mais horrorizado.

– Culpa?! Não há para mim inocência nem culpa –, replicou a dama, rindo às gargalhadas.

Era um rir de dormente, triste e medonho. Se o Diabo ri, como aquele deve ser o rir do Diabo.

O cavaleiro não pôde dizer mais palavra.

– Inigo! –, prosseguiu ela, – falta um ano Para cumprir-se o cativo do nobre senhor de Biscaia, Um ano passa depressa: mais depressa eu to farei passar. Vês tu aquele valente onagro? Quando uma noite, acordando, o achares ao pé de ti, manso como cordeiro, cavalga nele sem susto, que te levará a Toledo, onde livrarás teu pai.» E, bradando, acrescentou: – Estás por isto, Pardalo?

O onagro fitou as orelhas e, em sinal de aprovação, começou a azurrar; começou por onde, às vezes, academias acabam <sup>2</sup>.

Depois, a dama pôs-se a cantar uma cantiga de bruxas, acompanhando-se de um saltério, de que tirava mui estranhas toadas:

*Pelo cabo da vassoura,  
Pela corda da polé,  
Pela víbora que vê,  
Pela Sura e pela Toura;*

*Pela vara do condão,  
Pelo pano da peneira,  
Pela velha feiticeira,  
Do finado pela mão;*

*Pelo bode, rei da festa,  
Pelo sapo inteiriçado,  
Pelo infante dessangrado  
Que a bruxa chupou à sesta;*

*Pelo crânio alvo e lustroso  
Em que sangue se libou,  
E do irmão que irmão matou,  
Pelo arranco doloroso;*

*Pelo nome de mistério*

---

<sup>2</sup> O *Dicionário da Academia*, que ficou interrompido no fim da letra A, acaba na palavra *azurrar*.

*Que em palavras se não diz,  
Vinde já precitos vis;  
Vinde ouvir o meu saltério!*

*E dançai-me, aqui na terra,  
Uma dança doidejante,  
Que entonteça num instante  
O meu filho Inigo Guerra.*

*Que ele durma um ano inteiro,  
Como em sono de uma hora,  
Junto à fonte que ali chora,  
Sobre a relva deste outeiro.*

Enquanto a dama cantava estas cantigas, o mancebo sentia um quebrantamento nos membros que crescia cada vez mais e que o obrigou a assentar-se.

E logo, logo, ouviu-se um ruído abafado, como de trovões e de ventanias engolfando-se em covoadas; depois o céu começou de toldar-se, e cada vez era mais cris, até que, enfim, apenas uma luz de crepúsculo o alumia.

E a mansa almácega refervia, e os penedos rachavam, e as árvores torciam-se, e os ares sibilavam.

E das bolhas da água da fonte, e das fendas dos rochedos, e dentre as ramas dos robles, e da vastidão do ar via-se descer, subir, romper, saltar... o quê? Causa muito espantável.

Eram mil e mil braços sem corpos, negros como carvão tendo nos cotos uma asa, e na mão cada um uma espécie de facho.

Como a palha que o tufão levanta na eira, aquela multidão de candeias cruzava-se, revolvia-se, unia-se, separava-se, redemoinhava, mas sempre com certa cadência, como que dançando a compasso.

A D. Inigo andava a cabeça à roda: as luzes pareciam-lhe azuis, verdes e vermelhas; mas corria-lhe pelos membros uma languidez tão suave, que não teve animo para fazer o sinal-da-cruz e afugentar aquele bando de satanases.

E sentia-se esvaecer e, pouco a pouco, adormecia e, dali a pouco, roncava.

Entretanto, no castelo tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até a noite; esperaram-no uma semana, um mês, um ano, e não o viam voltar. O pobre Brearte correu Por muito tempo a serra; mas O sítio onde o cavaleiro jazia, isso é que não havia lá chegar.

### 3

Inigo acordou alta noite: tinha dormido algumas horas; ao menos, ele assim o cria. Olhou para o céu, viu estrelas; apalpou ao redor, achou terra; escutou, ouviu ramalhar as árvores.

Pouco a pouco é que se foi recordando do que passara com sua mal-aventurada mãe; porque, a princípio, não se lembrava de nada.

Pareceu-lhe então ouvir respirar ali perto; afirmou a vista: era o onagro *Pardalo*.

«Já agora meio enfeitado estou eu», pensou ele, «corramos o resto da aventura, a ver se posso salvar meu pai.» E pondo-se em pé, encaminhou-se para o valente animal, que já estava enfreado e selado: cujos eram os arreios, isso sabia-o o diabo.

Hesitou, todavia, um momento: tinha seus escrúpulos – a boas horas vinham eles – de cavalgar naquele corredor infernal.

Então ouviu nos ares uma voz vibrada, que cantava muito entoadado. Era a voz da terrível Dama Pé de Cabra:

*Cavalga, meu cavaleiro,  
No alentado corredor;  
Vai salvar o bom senhor;  
Vai quebrar seu cativo.*

*Pardalo, não comerás  
Nem cevada nem aveia,  
Não terás jantar nem ceia,  
Rijo e leve voltarás.*

*Nem açoite, nem espora  
Requer ele, oh cavaleiro!  
Corre, corre bem ligeiro,  
Noite e dia, a toda a hora.*

*Freio ou sela não lhe tires,  
Não lhe fales, não o ferres,  
Na carreira não te aterres.  
Para trás nunca te vires.*

*Upa! firme! – Avante, avante!  
Breve, breve, a bom correr!  
Um minuto não perder,  
Bem que o galo ainda não cante.*

– Vá! –, gritou Inigo Guerra, com uma espécie de frenesi que nele produzira aquele cantar estranho; e de um pulo cavalgou no quedo onagro.

Mas apenas se firmou na sela, pst! – ei-lo que parte!

## 4

Posto que em paz com os cristãos, os mouros de Toledo têm pelas torres, cubelos e adarves seus atalaias e vigias, e nos montes que dizem para a fronteira de Leão seus fachos e almenaras.

Mas se o rei leonês soubesse como descuidosa jaz Toledo; como, ao anoitecer, se deixam dormir vigias, se deixam de acender fachos, quebraria seus juramentos, e faria contra aquelas partes um repentino fossado.

Salvo ter de ir depois ao seu confessor dizer *confiteor Deo*, e *peccavi*; porque o quebrar juramento, ainda que seja a cães descritos, dizem ser feio pecado.

Era a hora do lusco-fusco: ao sol-posto os de Toledo, mirando para a banda do norte, viram, lá muito ao longe, vir correndo uma nuvem negra, ondeando e fazendo voltas no céu, como a estrada as fazia na terra por entre os montes: dir-se-ia que vinha embriagado.

Era primeiro um pontinho; depois crescera e crescera: quando anoiteceu, estava já perto e cobria um grande espaço.

O almuadem, subindo à torre da mesquita, chamava os crentes de Mafamede para a oração da tarde.

Mas com a sua voz esganiçada misturou-se o estrondear dos trovões: era como um tiple e um baixo.

E passou um tufão de vento, que, embrenhando-se e remoinhando nas barbas longas e brancas do almuadem, lhe fustigou com elas a cara.

Começou então a cair uma corda de chuva, que nem moços nem velhos se lembravam de ter visto cousa semelhante em nenhuma parte.

Aqui veríeis os esculcas a aninharem-se nas guaritas das torres; os roldas e sobrerroldas a fugirem pelos adarves; os facheiros a sumirem-se debaixo das almenaras; os *hadjis* a acolherem-se às mesquitas molhados até os ossos; as velhas, que tinham saído ao vozear do almuadem, levadas pelas torrentes das ruas tortuosas e estreitas, bradando por Mafoma e por Allah. E a água caindo cada vez mais!

Dois únicos movimentos fazem então os moradores de Toledo: uns fogem, outros agacham-se. E a água caindo cada vez mais!

O pavor quebra todos os ânimos: os cacizes esconjurar a procela; os faquires penitentes gritam que se acaba o mundo. e que lhes deixe os seus haveres aquele que quiser salvar-se. E a água caindo cada vez mais!

A salvação de Toledo foi não se terem fechado suas portas: se assim não sucedesse, dentro do recinto dos muros morria toda a mourisma afogada.

## 5

Na prisão estava D. Diogo encostado às grades de ferro O pobre velho entretinha-se a ouvir aquele medonho chover; porque a noite era comprida, e ele não tinha que fazer mais nada.

Mas, como o terreiro ante a sua gaiola de feras era rodeado de muros, a chuva não podia escoar-se toda, e vinha crescendo de modo que já ele sentia os pés molhados.

E também começou a ter medo de morrer, apesar da sua miséria. Bem sabia D. Diogo que a morte é a maior delas todas; que não era o senhor da Biscaia ateu, filósofo, nem parvo.

Mas lá divisa um vulto alvacento que salvou por cima do palanque, e sente ao mesmo tempo no meio do terreiro: *plash!*

E ouviu uma voz que dizia:

– Nobre senhor D. Diogo, onde é que vós vos achais?

– Que vejo e ouço?! –, exclamou o velho. – Um trajo que não alveja não é trajo de ismaelita; uma voz que não fala algaravia não é de infiel; um salto de tal altura não é de cavaleiro do mundo. Por vossa fé dissei-me, sois anjo ou sois Sant'Iago?

– Meu pai, meu pai! –, acudiu o cavaleiro, – Já não conheceis a fala de Inigo? Sou eu, que venho salvar-vos.

E D. Inigo descavalgou e, travando das grossas reixas, tentava aluí-las: a água dava-lhe já pelos artelhos, e ele não fazia nada.

Cheio de aflição, o mancebo quis invocar o nome de Jesus; mas lembrou-se de como ali viera, e o bento nome expirou-lhe nos lábios.

Todavia, *Pardalo* pareceu adivinhar o seu íntimo pensamento; porque soltou um gemido agudo e pronto, como se lhe houvessem tocado com um ferro em brasa.

E, empurrando com a cabeça D. Inigo, voltou a anca para a grade.

Pam! – foi o som que se ouviu. Com um só coice, a reixa estava no chão, e as ombreiras de pedra tinham voado em mil rachas. Quer mo creiam, quer não, di-lo a história: eu com isto não perco nem ganho.

D. Diogo, esse ficou crendo: porque uma lasca de pedra bateu-lhe nos dois últimos dentes que tinha e meteu-lhos pela goela abaixo. Por isso, ele, com a dor, não podia dizer palavra.

Seu filho fê-lo cavalgar ante si, e, cavalgando após ele, bradou:

– Meu pai, estais salvo!

E *Pardalo*, de um pulo, galgou de novo o palanque. Pois tinha bons quinze palmos!

Pela manhã não havia sinal de chuva; o ar estava limpo e sereno, e, quando os mouros foram ver o que sucedera a D. Diogo Lopes, não lhe acharam sequer o rasto.

## 6

D. Inigo e seu pai, o velho senhor de Biscaia, passam as portas de Toledo com a rapidez da frecha: num abrir e fechar de olhos ficam-lhes para trás muros, torres, barbacãs e atalaias. A bâtega vai diminuindo: rasgam-se as nuvens, e vêem-se já reluzir algumas estrelas, que parecem outros tantos olhos com que o céu espreita através do negrume o que se passa cá em baixo.

A estrada, pelas descidas e subidas dos recostos, converteu-se em leito de torrente, nos plainos converteu-se em lago.

Mas, quer pelos lagos, quer pelas torrentes, o valente onagro rompia avante, bufando como um danado.

Não subiram bem um monte, já descem pelo outro recosto, abaixo; ainda bem não chegaram a uma clareira, já sentem era, profunda floresta gotejarem-lhes em cima os ramos agitados das árvores.

Pouco mais é de meia-noite, e os topos nevados do Víndio recortam o chão estrelado do céu já limpo, semelhantes aos dentes de uma serra gigante capaz de dividir cerceo o hemisfério austral do hemisfério boreal.

E *Pardalo* investe, sempre em galope desfeito, com as montanhas disformes, e desce aos vales temerosos, e, cada vez mais ligeiro, como o seu nome o indica, parece menos quadrúpede que pássaro.

Mas que ruído é esse que sobreleva ao do vento? Que é isso que, lá ao longe, ora alveja, ora reluz nas trevas, como uma alcateia de lobos envoltos em sudários brancos, com os olhos só descobertos, e despregando em fio pelo fundo do vale abaixo?

É um rio caudal e furioso, com o seu manto de espuma, com as escamas angulosas de seu dorso eriçado, onde batem e chispam os raios das estrelas em mil reflexos quebrados.

Negreja sobre o rio uma ponte, ao meio desta um vulto esguio. – Será um marco, uma estátua? –, pensaram os cavaleiros. – Pinheiro não pode ser; não consta que em pontes nasçam.

*Pardalo* ria-se de rios; pontes, fazia tanto cabedal delas como de um retraço de palha. Todavia, bem que pudesse de um pulo salvar vinte ribeiras como aquela, foi-se direito à ponte; porque não era animal que fizesse áfricas escusadas.

Semelhante a relâmpago, se arrojou o onagro àquele passo estreito... Mas, tá!... Ei-lo que de repente pára.

E tremia como varas verdes, e arquejava com violência: os dois cavaleiros olharam.

O vulto esguio era um cruzeiro de pedra alevantado a meia-ponte: por isso *Pardalo* emperrava.

Então, dentre uns altos choupos, que da margem dalém se meneavam, um pouco mais abaixo daquele sítio, ouviu-se uma voz fadigosa e trémula que cantava:

*Para trás, para trás, a galgar.*

*Já!*

*De redor, de redor vem passar*

*Cá!*

*Que não há nada aqui que te empeça*

*Bus.*

*Nem palavra, vós dois! Fugi dessa*

*Cruz!*

– Santo nome de Cristo! –, exclamou D. Diogo, benzendo-se ao escutar aquela voz que bem conhecia, mas que, depois de tantos anos, não esperava ali ouvir, porque seu filho não lhe dissera que meio achara para o salvar.

Apenas o grito do velho soou, assim ele como D. Inigo foram bater contra o poial do cruzeiro, onde ficaram de bruços, envoltos em lodo. O onagro, ao sacudi-los de si, soltara um rugido de besta-fera. Sentiram então um cheiro intolerável de enxofre e de carvão de pedra inglês, que logo se percebia ser cousa de Satanás.

E ouviram como um trovão subterrâneo; e a ponte balouçava, como se as entranhas da terra se despedaçassem.

Apesar do seu grande terror, e de chamar pela Virgem Santíssima, D. Inigo abriu um cantinho do olho para ver o que se passava.

Nós os homens costumamos dizer que as mulheres são curiosas. Nós é que o somos. Mentimos como uns desalmados.

Que veria o cavaleiro? Um fojo aberto, bem próximo e sobre a ponte, e que depois rompia pela água.

E depois pelo leito do rio; e depois pela terra dentro, e depois pelo tecto do inferno, que outra cousa não podia ser um fogo muito vermelho que reverberava daquela profundidade.

Tanto era assim, que ainda lá viu passar de relance um demónio com um desconforme espeto nas mãos em que levam um judeu empatado.

E *Pardalo* descia remoinhando por esse boqueirão, como uma pena caindo em dia sereno do alto de uma torre abaixo.

Aquela vista fez perder os sentidos a D. Inigo, que, indo também a chamar por Jesus, achou que não podia proferir o nome sagrado.

De terror, tanto o velho como o moço ficaram ali em, desmaio.

Quando tornaram a si, com o romper do sol claro, conheceram o sítio em que se achavam. Era a ponte próxima à aldeia de Nustúrio, no alto da qual campeava o castelo construído por D. From, o saxónio, avoengo de D. Diogo Lopes e primeiro senhor de Biscaia.

Nenhum vestígio restava do que ali se passara; os dois moídos e cheios de lodo e pisaduras, foram-se arrastando como puderam até encontrar alguns vilãos, a quem se deram a conhecer, e que os levaram a casa.

Festas que em Nustúrio se fizeram por sua vinda, cousa e que não vos direi; porque não tarda a hora de cear, rezar e deitar.

D. Diogo pouco tempo viveu: todos os dias ouvia missa; todas as semanas se confessava. D. Inigo, porém, nunca mais entrou na igreja, nunca mais rezou, e não fazia senão ir à serra caçar.

Quando tinha de partir para as guerras de Leão, viam-no subir à montanha armado de todas as peças e voltar de lá montado num agigantado onagro.

E o seu nome retumbou em toda a Espanha; porque não houve batalha em que entrasse que se perdesse, e nunca em nenhum recontro foi ferido nem derribado.

Diziam à boca pequena em Nustúrio que o ilustre barão tinha pacto com Belzebu. Olhem que era grande milagre!

Meio precito era ele por sua mãe; não tinha que vender senão a outra metade da alma.

Por oitenta por cento de lucro no recibo de um egresso, e dá aí inteira ao demo qualquer onzeneiro, e crê ter feito uma limpa veniaga.

Fosse como fosse, Inigo Guerra morreu velho: o que a história não conta é o que então se passou no castelo. Como não quero improvisar mentiras, por isso não direi mais nada.

Mas a misericórdia de Deus é grande. A cautela rezem por ele um *pater* e uma *ave*. Se não lhe aproveitar, seja por mim

*Amen.*

## O BISPO NEGRO

(1130)

1

Houve tempo em que a velha catedral conimbricense, abandonada de seus bispos, era formosa; houve tempo em que essas pedras, ora tismadas pelos anos, eram ainda pálidas, como as margens areentas do Mondego<sup>3</sup>. Então, o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavíssima, mais rica de saudade que os próprios raios daquele planeta guardador dos segredos de tantas almas, que crêem existir nele, e só nele, uma inteligência que as perceba.

Então aquelas ameias e torres não haviam sido tocadas das mãos de homens, desde que os seus edificadores as tinham colocado sobre as alturas; e, todavia, já então ninguém sabia se esses edificadores eram da nobre raça goda, se da dos nobres conquistadores árabes.

Mas, quer filha dos valentes do Norte, quer dos pugnacíssimos Sarracenos, ela era formosa, na sua singela grandeza, entre as outras sés das Espanhas. Aí sucedeu o que ora ouvireis contar.

2

Aproximava-se o meado do duodécimo século. O príncipe de Portugal Afonso Henriques, depois de uma revolução feliz, tinha arrancado o poder das mãos de sua mãe. Se a história se contenta com o triste espectáculo de um filho condenando ao exílio aquela que o gerou, a tradição carrega as tintas do quadro, pintando-nos a desditosa viúva do conde Henrique a arrastar grilhões no fundo de um calabouço. A história conta-nos o facto; a tradição os costumes. A história é verdadeira, a tradição verosímil; e o verosímil é o que importa ao que busca as lendas da pátria.

Em uma das torres do velho alcácer de Coimbra, assentado entre duas ameias, a horas em que o Sol fugia do horizonte, o príncipe conversava com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e com ele dispunha meios e apurava traças para guerrear a mourisma.

E lançou casualmente os olhos para o caminho que guiava ao alcácer e viu o bispo D. Bernardo, que, montado em sua nédia mula, cavalgava apressado pela encosta acima.

– Vedes vós –, disse ele ao Espadeiro, – o nosso leal D. Bernardo, que para cá se encaminha? Negócio grave, por certo, o faz sair a tais desoras da crasta da sua sé. Deçamos à sala de armas e vejamos o que ele quer.»

E desceram.

Grandes lampadários ardiam já na sala de armas do alcácer de Coimbra, pendurados de cadeias de ferro chumbadas nos fechos dos arcos de volta de ferradura que sustentavam os tectos de grossa cantaria. Pelos feixes de colunas delgadas, entre si separadas, mas ligadas sob os fustes por base comum, pendiam corpos de armas, que reverberavam a luz das lâmpadas e pareciam cavaleiros armados, que em silêncio guardavam aquele amplo aposento. Alguns homens de mesnada faziam retumbar as abóbadas, passeando de um para outro lado.

---

<sup>3</sup> A Sé Velha de Coimbra é, no todo ou na máxima parte, uma edificação dos fins do século duodécimo; mas aceitámos aqui a tradição que lhe atribui uma remotíssima antiguidade.

Uma portinha, que ficava em um ângulo da quadra, abriu-se, e dela saíram o príncipe e Lourenço Viegas, que desciam da torre. Quase ao mesmo tempo assomou no grande portal de entrada o vulto venerável e solene do bispo D. Bernardo.

– Guarde-vos Deus, dom bispo! Que mui urgente negocio vos traz aqui esta noite?  
– disse o príncipe a D. Bernardo.

– Más novas, senhor. Trazem-me aqui a mim letras do papa, que ora recebi.

– E que quer de vós o papa?

– Que de sua parte vos ordene solteis vossa mãe...

– Nem pelo papa, nem por ninguém o farei.

– E manda-me que vos declare excomungado, se não quiserdes cumprir seu mandado.

– E vós que intentais fazer?

– Obedecer ao sucessor de S. Pedro.

– Quê? D. Bernardo amaldiçoaria aquele a quem deve o bago pontifical; aquele que o levantou do nada? Vós, bispo de Coimbra, excomungaríeis o vosso Príncipe, porque ele não quer pôr a risco a liberdade desta terra remida das opressões do senhor de Trava e do jugo do rei de Leão; desta terra que é só minha e dos cavaleiros portugueses?

– Tudo vos devo, senhor – atalhou o bispo, – salvo a minha alma, que pertence a Deus, a minha fé, que devo a Cristo, e a minha obediência, que guardarei ao papa.

– D. Bernardo! D. Bernardo! – disse o príncipe sufocado de cólera, – lembrai-vos de que afronta que se me fizesse nunca ficou sem paga!

– Quereis, senhor infante, soltar vossa mãe?

– Não! Mil vezes não!

– Guardai-vos!

E o bispo saiu, sem dizer mais palavra. Afonso Henriques ficou pensativo por algum tempo; depois, falou em voz baixa com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e encaminhou-se para a sua câmara. Daí a pouco o alcácer de Coimbra jazia, como o resto da cidade, no mais profundo silêncio.

### 3

Pela alvorada, muito antes de romper o Sol no dia seguinte, Lourenço Viegas passeava com o príncipe na sala de armas do paço mourisco.

– Se eu próprio o vi, montado na sua nédia mula, ir lá muito ao longe, caminho da Terra de Santa Maria! <sup>4</sup> Na porta da Sé está pregado um pergaminho com larga escritura, que, segundo me afirmou um clérigo velho que aí chegara quando eu olhava para aquela carta, era o que eles chamam o interdito...

Isto dizia o Espadeiro, olhando para todos os lados, como quem receava que alguém o ouvisse.

– Que receias, Lourenço Viegas? Dei a Coimbra um bispo que me excomunga, porque assim o quis o papa: dar-lhe-ei outro que me absolva, porque assim o quero eu. Vem comigo à Sé. Bispo D. Bernardo, quando te arrependeres da tua ousadia já será tarde.

Dali a pouco as portas da Sé estavam abertas, porque o Sol era nado, e o príncipe, acompanhado de Lourenço Viegas e dois pajens, atravessava a igreja e dirigia-se à crasta, onde, ao som de campã tangida, tinha mandado ajuntar o cabido, com pena de morte para o que aí faltasse.

---

<sup>4</sup> Hoje Terra da Feira, próximo do Porto, na estrada de Coimbra.

Solene era o espectáculo que apresentava a crasta da Sé de Coimbra. O Sol dava, com todo o brilho de manhã puríssima, por entre os pilares que sustinham as abóbadas dos cobertos que cercavam o pátio interior. Ao longo desses cobertos caminhavam os cónegos com passos lentos, e as largas roupas ondeavam-lhes ao bafo suave do vento matutino. No topo da crasta estava o príncipe em pé, encostado ao punho da espada, e, um pouco atrás dele, Lourenço Viegas e os dois pajens. Os cónegos iam chegando e formavam um semicírculo a pouca distância de el-rei, em cuja cervilheira de malha de ferro ferviam buliçosos os raios do Sol.

Toda a clerezia da Sé estava ali apinhada, e o príncipe, sem dar palavra e com os olhos fitos no chão, parecia envolto em fundo pensar. O silêncio era completo.

Por fim, Afonso Henriques ergueu o rosto carrancudo e ameaçador e disse:

– Cónegos da Sé de Coimbra, sabeis a que vem aqui o infante de Portugal?

Ninguém respondeu palavra.

– Se o não sabeis, dir-vo-lo-ei eu – prosseguiu o príncipe: – vem assistir à eleição do bispo de Coimbra.

– Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição – disse o mais velho e autorizado dos cónegos que estavam presentes e que era o adaião.

– Amen – responderam os outros.

– Esse que vós dizeis – bradou o infante, cheio de cólera, – esse jamais o será. Tirar-me quis ele o nome de filho de Deus; eu lhe tirei o nome de seu vigário. Juro que nunca em meus dias porá D. Bernardo pés em Coimbra: nunca mais da cadeira episcopal ensinará um rebelde a fé das santas escrituras! Elegei outro: eu aprovarei a vossa escolha.

– Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição – repetiu o adaião.

– Amen – responderam os mais.

O furor de Afonso Henriques subiu de ponto com esta resistência.

– Pois bem! – disse ele, com a voz presa na garganta, depois de olhar terrível que lançou pela assembleia, e de alguns momentos de silêncio. – Pois bem! Saí daqui, gente orgulhosa e má! Saí, vos digo eu. Alguém por vós elegerá um bispo...

Os cónegos, fazendo profundas reverências, encaminharam-se para as suas celas, ao longo das arcarias da crasta.

Entre os que ali se achavam, um negro, vestido de hábitos clericais, tinha estado encostado a um dos pilares, observando aquela cena: os seus cabelos revoltos contrastavam pela alvura com a pretidão da tez. Quando o príncipe falava, ele sorria-se e meneava a cabeça, como quem aprovava o dito. Os cónegos começavam a retirar-se, e o negro ia após eles. Afonso Henriques fez-lhe um sinal com a mão. O negro voltou para trás.

– Como hás nome? – perguntou-lhe o príncipe.

– Senhor, hei nome Soleima.<sup>5</sup>

– És bom clérigo?<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> É notável coincidência a seguinte: em 1088 *um presbítero, por nome Zoleima*, fez uma doação à Sé de Coimbra. Desta doação se lembra Frei António Brandão, M.L., parte 3ª, liv. 8º, cap. 5º, pág. 13, col. 2ª *in fine*.

<sup>6</sup> *Clérigo* naquela época não significava só o eclesiástico revestido do sacerdócio, mas sim qualquer indivíduo empregado ao serviço do culto. Daí frequente menção, nos documentos, de clérigos casados.

– Na companhia não há dois que sejam melhores.  
 – Bispo serás, D. Soleima. Vai tomar teus guisamentos, que hoje me cantarás missa.

O clérigo recuou: naquela face tisonada viu-se uma contracção de susto.

– Missa não vos cantarei eu, senhor – respondeu o negro com voz trémula, – que para tal auto não tenho as ordens requeridos.

– D. Soleima, repara bem no que te digo! Sou eu que te mando vás vestir as vestiduras da missa. Escolhe: ou hoje tu subirás os degraus do altar-mor da Sé de Coimbra, ou a cabeça te descerá de cima dos ombros e rolará pelas lájeas deste pavimento.

O clérigo curvou a fronte.

– *Kyrie-eleyson... Kyrie-eleyson... Kyrie-eleyson!* – garganteava daí a pouco D. Soleima, revestido dos hábitos episcopais, junto ao altar da capela-mor. O infante Afonso Henriques, o Espadeiro e os dois pajens, de joelhos, ouviam missa com profunda devoção.

## 5

Era noite. Em uma das salas mouriscas dos nobres paços de Coimbra havia grande sarau. Donas e donzelas, assentadas ao redor do aposento, ouviam os trovadores repetindo ao som da viola e em tom monótono sua magoadas endechas, ou folgavam e riam com os arremedilhos satíricos dos truões e farsistas. Os cavaleiros, em pé, ou falavam de aventuras amorosas, de justas e de bofordos, ou de fossados e lides por terras de mouros fronteiras. Para um dos lados, porém, entre um labirinto de colunas, que dava saída para uma galeria exterior, quatro personagens pareciam entretidos em negócio mais grave do que os prazeres de noite de folguedo o permitiam. Eram estas personagens Afonso Henriques, Gonçalo Mendes da Maia, Lourenço Viegas e Gonçalo de Sousa o Bom. Os gestos dos quatro cavaleiros davam mostras de que eles estavam vivamente agitados.

– É o que afirma, senhor, o mensageiro – dizia Gonçalo de Sousa – que me enviou o abade do Mosteiro de Tibães, onde o cardeal dormiu uma noite para não entrar em Braga. Dizem que o papa o envia a vós, porque vos supõe herege. Em todas as partes por onde o legado passou, em França e em Espanha, vinham a lhe beijar a mão reis, príncipes e senhores: a eleição de D. Soleima não pode, por certo, ir avante...

– Irá, irá! – respondeu o príncipe em voz tão alta que as suas palavras reboaram pelas abóbadas do vasto aposento. – Que o legado tenha tento em si! Não sei eu se haveria aí cardeal ou apostólico <sup>7</sup>, que me estendesse a mão para eu lha beijar, que pelo cotovelo lha não cortasse fora a minha boa espada. Que me importam a mim vilezas dos outros reis e senhores? Vilezas, não as farei eu!

Isto foi o que se ouviu daquela conversação: os três cavaleiros falaram com o príncipe ainda por muito tempo; mas em voz tão baixa, que ninguém percebeu mais nada.

## 6

Dois dias depois, o legado do papa chegava a Coimbra: mas o bom do cardeal tremia em cima da sua nédia mula, como se maleitas o houvessem tomado. As palavras do infante tinham sido ouvidas por muitos, e alguém as havia repetido ao legado.

---

<sup>7</sup> Papa.

Todavia, apenas passou a porta da cidade, revestindo-se de animo, encaminhou-se direito ao alcácer real.

O príncipe saiu a recebê-lo acompanhado de senhores e cavaleiros. Com modos corteses, guiou-o à sala do seu conselho, e aí se passou o que ora ouvireis contar.

O infante estava assentado em uma cadeira de espaldas: diante dele o legado, em um assento raso, posto em cima de um estrado mais elevado: os senhores e cavaleiros cercavam o filho do conde D. Henrique.

– Dom cardeal – começou o príncipe, – que viestes vós fazer a minha terra? Posto que de Roma só mal me tenha vindo, creio me trazeis agora algum ouro, que de seus grandes haveres me manda o senhor papa para estas hostes que faço e com que guerreio, noite e dia, os infiéis da frontaria. Se isto trazeis, aceitar-vo-lo-ei: depois, desembaraçadamente podeis seguir vossa viagem.

No ânimo do legado a cólera sobrepujou o temor, quando ouviu as palavras do príncipe, que eram de amargo escárnio.

– Não a trazer-vos riquezas – atalhou ele, – mas a ensinar-vos a fé vim eu; que dela parece vos esquecestes, tratando violentamente o bispo D. Bernardo e pondo em seu lugar um bispo sagrado com vossas manoplas, vitoriado só por vós com palavras blasfemas e malditas...

– Calai-vos, dom cardeal – gritou Afonso Henriques –, que mentis pela gorja! Ensinar-me a fé?! Tão bem em Portugal como em Roma sabemos que Cristo nasceu da Virgem; tão certo, como vós outros romãos, cremos na Santa Trindade. Se a outra coisa vindes, amanhã vos ouvirei: hoje ir-vos podeis a vossa pousada.

E ergueu-se: os olhos chamejavam-lhe de furor. Toda a ousadia do legado desapareceu como fumo: e, sem atinar com resposta, saiu do alcácer.

## 7

O galo tinha cantado três vezes: pelo arrebol da manhã, O cardeal partia aferradamente de Coimbra, cujos habitantes dormiam ainda repousadamente.

O príncipe foi um dos que despertaram mais tarde. Os sinos harmoniosos da Sé costumavam acordá-lo tocando as ave-marias: mas naquele dia ficaram mudos; e, quando ele se ergueu, havia mais de uma hora que o Sol subia para o alto dos céus da banda do oriente.

– Misericórdia! misericórdia! – gritavam devotamente homens e mulheres à porta do alcácer, com alarido infernal. O príncipe ouviu aquele ruído.

– Que vozes são estas que soam? – perguntou ele a um pajem.

O pajem respondeu-lhe chorando:

– Senhor, o cardeal excomungou esta noite a cidade e partiu: as igrejas estão fechadas; os sinos já não há quem os toque; os clérigos fecham-se em suas pousadas. A maldição do santo padre de Roma caiu sobre nossas cabeças.

Outra vez soou à porta do alcácer:

– Misericórdia! Misericórdia!

– Que enfriem e selem o meu cavalo de batalha. Pajem, que enfriem e selem o meu melhor corredor

Isto dizia o príncipe, encaminhando-se para a sala de armas.

Aí envergonhou à pressa um saio de malha e pegou em um montante que dois portugueses dos de hoje apenas valeriam a alevantar do chão. O pajem tinha saído, e dali a pouco, o melhor cavalo de batalha que havia em Coimbra tropeava e rinchava à porta do alcácer.

Um clérigo velho, montado em uma alentada mula branca, vindo de Coimbra seguia o caminho da Vimieira e, de instante a instante, espiçava os ilhais da cavalgadura com os seus acicates de prata. Em duas outras mulas iam ao lado dele dois mancebos com caras e meneios de beatos, vestido de opas e tonsurados, mostrando em seu porte e idade que aprendiam ainda as pueris ou ouviam as gramaticais<sup>8</sup>. Eram o cardeal, que se ia a Roma, e dois sobrinhos seus, que o haviam acompanhado.

Entretanto o príncipe partira de Coimbra sozinho. Quando pela manhã Gonçalo de Sousa e Lourenço Viegas o procuraram em seus paços, souberam que era partido após o legado. Temendo O Carácter violento de Afonso Henriques, os dois cavaleiros seguiram-lhe a pista à rédea solta, e iam já muito longe quando viram o pó que ele alevantava, correndo ao longo da estrada, e o cintilar do Sol, batendo-lhe de chapa na cervilheira, semelhante ao dorso de um crocodilo.

Os dois fidalgos esporearam com mais força os ginetes e breve alcançaram o infante.

– Senhor, senhor, aonde ides sem vossos leais cavaleiros, tão cedo e açodadamente?

– Vou pedir ao legado do papa que se amerceie de mim...

A estas palavras, os cavaleiros transpunham uma assomada que encobria o caminho: pela encosta abaixo ia o cardeal com os dois mancebos das opas e cabelos tonsurados.

– Oh!... – disse o príncipe. Esta única interjeição lhe fugiu da boca; mas que discurso houvera aí que a igualasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sobre a preia descuidada.

– *Memento mei, Domine, secundem magnam misericordiam tuam!* – rezou o cardeal em voz baixa e trémula, quando, ouvindo o tropear dos cavalos, voltou os olhos e conheceu Afonso Henriques.

Em um instante este o havia alcançado. Ao perpassar por ele, travou-lhe do cabeção do vestido e, de relance, ergueu o montante: felizmente os dois cavaleiros arrancaram as espadas e cruzaram-nas debaixo do golpe, que já descia sobre a cabeça do legado. Os três ferros feriram fogo; mas a pancada deu em vão, aliás o crânio do pobre clérigo teria ido fazer mais de quatro redemoinhos nos ares.

– Senhor, que vos perdeis e nos perdeis, ferindo o ungido de Deus! – gritaram os dois fidalgos, com vozes aflitas.

– Príncipe – disse o velho, chorando, – não me faças mal; que estou à tua mercê!

Os dois mancebos também choravam.

Afonso Henriques deixou descair o montante e ficou em silêncio alguns momentos.

– Estás à minha mercê? – disse ele, por fim. – Pois bem! Viverás, se desfizeres o mal que causaste. Que seja alevantada a excomunhão lançada sobre Coimbra, e jura-me em nome do apostólico, que nunca mais em meus dias será posto interdito nesta terra portuguesa, conquistada aos mouros por preço de tanto sangue. Em reféns deste pacto ficarão teus sobrinhos. Se, no fim de quatro meses, de Roma não vierem letras de

---

<sup>8</sup> Estudos menores ou preparatórios. Assim parece se chamavam na Idade Média. *Darin lerne ich puerilia*, diz Hans Sachs no seu *Lebensbeschreibung*, e o bispo do Porto, D. Pedro Afonso, afirma de seu predecessor D. João Gomes: *erat bonus homo, et sine aliqua malitia, sed jura aliqua non audiverat, immo nec grammaticalia, quod est plus.*

bênção, tem tu por certo que as cabeças lhes voarão de cima dos ombros. Apraz-te este contrato?

– Senhor, sim! – respondeu o legado com voz sumida.

– Juras?

– Juro.

– Mancebos, acompanhai-me.

Dizendo isto, o infante fez um aceno aos sobrinhos do legado, que, com muitas lágrimas, se despediu deles, e sozinho seguiu o caminho da Terra de Santa Maria.

Daí a quatro meses, D. Soleima dizia missa pontifical na capela-mor da Sé de Coimbra, e os sinos da cidade repicavam alegremente. Tinham chegado letras de bênção de Roma; e os sobrinhos do cardeal, montados em boas mulas, iam cantando devotamente pelo caminho da Vimieira o salmo que começa:

*In exitu Israel de Aegypto.*

Conta-se, todavia, que o papa levava a mal, no princípio, o pacto feito pelo legado; mas que, por fim, tivera dó do pobre velho, que muitas vezes lhe dizia:

– Se tu, santo padre, vim sobre ti um cavaleiro tão bravo ter-te pelo cabeção e a espada nua para te cortar a cabeça, e seu cavalo, tão feroz, arranhar a terra, que já te fazia a cova para te enterrar, não somente deras as letras, mas também o papado e a cadeira apostolical.

#### NOTA

A lenda precedente é tirada das Crónicas de Acenheiro, rol de mentiras e disparates publicado pela nossa Academia, que teria procedido mais judiciosamente em deixá-las no pó das bibliotecas, onde haviam jazido em paz por quase três séculos. A mesma lenda tinha sido inserida pouco anteriormente na Crónica de Afonso Henriques por Duarte Galvão, formando a substância de quatro capítulos, que foram suprimidos na edição deste autor, e que mereceram da parte do académico D. Francisco de S. Luís, uma grave refutação. Toda a narrativa das circunstâncias que se deram no facto, aliás verdadeiro, da prisão de D. Teresa, das tentativas oposicionistas do bispo de Coimbra, da eleição do bispo negro, da vinda do cardeal e da sua fuga contrastam a história daquela época. A tradição é falsa a todas as luzes; mas também é certo que ela se originou de algum acto de violência praticado nesse reinado contra algum cardeal legado. Um historiador coevo e, posto que estrangeiro, bem informado geralmente acerca dos sucessos do nosso país, o inglês Rogério de Hoveden, narra um facto, acontecido em Portugal, que, pela analogia que tem com o conto do bispo negro, mostra a origem da fábula. A narrativa do cronista está indicando que o acontecimento fizera certo ruído na Europa, e a própria confusão de datas e de indivíduos que aparece no texto de Hoveden mostra que o sucesso era anterior e andava já alterado na tradição. O que é certo é que o achar-se esta conservada fora de Portugal desde o século duodécimo por um escritor que Rui de Pina e Acenheiro não leram (porque foi publicado no século décimo sétimo) prova que ela remonta entre nós, por maioria de razão, também ao século duodécimo, embora alterada, como já a vemos no cronista inglês. Eis a notável passagem a que aludimos, e que se lê a pág. 640 da edição de Hoveden, por Savile:

«No *mesmo ano* (1187) o cardeal *Jacinto*, então legado em toda a Espanha, depôs muitos prelados (*abates*), ou por culpas deles ou por ímpeto próprio, e como quisesse depor o bispo de Coimbra, o rei *Afonso* (Henriques) não consentiu que ele fosse

deposto, e mandou ao dito cardeal que saísse da sua terra, quando não cortar-lhe-ia um pé.»

## A MORTE DO LIDADOR

(1170)

1

Pajens! que arriem o meu ginete murzelo; e vós dai-me o meu lorigão de malha de ferro e a minha boa toledana. Senhores cavaleiros, hoje contam-se noventa e cinco anos que recebi o baptismo, oitenta que visto armas, setenta que sou cavaleiro, e quero celebrar tal dia fazendo uma entrada por terras da frontaria dos mouros.

Isto dizia na sala de armas do castelo de Beja Gonçalo Mendes da Maia, a quem, pelas muitas batalhas que pelejara e por seu valor indomável, chamavam o Lidador. Afonso Henriques, depois do infeliz sucesso de Badajoz, e feitas pazes com el-rei de Leão, o nomeara fronteira da cidade de Beja, de pouco tempo conquistada aos mouros. Os quatro Viegas, filhos do bom velho Egas Moniz, estavam com ele, e outros muitos cavaleiros afamados, entre os quais D. Ligel de Flandres e Mem Moniz, tio dos quatro Viegas.

– A la fé – disse Mem Moniz, – que a festa de vossos anos, senhor Gonçalo Mendes, será mais de mancebo cavaleiro que de capitão encanecido e prudente. Deu-vos el-rei esta frontaria de Beja para bem a haverdes de guardar, e não sei eu sé arriscado é sair hoje à campanha, que dizem os escutas, chegados ao romper da alva, que o famoso Almoleimar corre por estes arredores com dez vezes mais lanças do que todas as que estão encostadas nos lanceiros desta sala de armas.

– Voto a Cristo – atalhou o Lidador, – que não cria eu que o senhor rei me houvesse posto nesta torre de Beja para estar assentado à lareira da chaminé, como velha dona, a espreitar de quando em quando por uma seteira se cavaleiros mouros vinham correr té a barbacã, para lhes cerrar as portas e ladrar-lhes do cimo da torre de menagem, como usam os vilãos. Quem achar que são duros de mais os arneses dos infieis pode ficar-se aqui.

– Bem dito! bem dito! – exclamaram, dando grandes risadas, os cavaleiros mancebos.

– Por minha boa espada! – gritou Mem Moniz, atirando o guante ferrado às lájeas do pavimento, – que mente pela gorja quem disser que eu ficarei aqui, havendo dentro de dez léguas em redor lide com mouros. Senhor Gonçalo Mendes, podeis montar em vosso ginete, e veremos qual das nossas lanças bate primeiro em adarga mourisca.

– A cavallo, a cavallo! – gritou outra vez a chusma, com grande alarida.

Dali a pouco, ouvia-se o retumbar dos sapatos de ferro de muitos cavaleiros descendo os degraus de mármore da torre de Beja e, passados alguns instantes, soava só o tropear dos cavalos, atravessando a ponte levadiça das fortificações exteriores que davam para a banda da campanha por onde costumava aparecer a mourisma.

2

Era um dia do mês de Julho, duas horas depois da alvorada, e tudo estava em grande silêncio dentro da cerca de Beja: batia o sol nas pedras esbranquiçadas dos muros e torres que a defendiam: ao longe, pelas imensas campinas que avizinham o teso

sobre que a povoação está assentada, viam-se ondear as searas maduras, cultivadas por mãos de agarenos para seus novos senhores cristãos. Regados por lágrimas de escravos tinham sido esses campos, quando em formoso dia de Inverno os sulcou o ferro do arado; por lágrimas de servos seriam outra vez humedecidos, quando, no mês de Julho, a paveia, cerceada pela foice, pendesse sobre a mão do ceifeiro: coro de amargura havia aí, como, cinco séculos antes, o houvera: então de cristãos conquistados, hoje de mouros vencidos. A Cruz hasteava-se outra vez sobre o crescente quebrado; os coruchéus das mesquitas convertiam-se em campanários de sés, e a voz do almuadem trocava-se por toada de sinos, que chamavam à oração entendida por Deus.

Era esta a resposta dada pela raça goda aos filhos de África e do Oriente, que diziam, mostrando os alfanges: «É nossa a terra de Espanha.» O dito árabe foi desmentido; mas a resposta gastou oito séculos a escrever-se. Pelaio entalhou com a espada a primeira palavra dela nos cerros das Astúrias; a última gravaram-na Fernando e Isabel, com os pelouros de suas bombardas, nos panos das muralhas da formosa Granada: e a esta escritura, estampada em alcantis de montanhas, em campos de batalha, nos portais e torres dos templos, nos lanços dos muros das cidades e castelos, acrescentou no fim a mão da Providência: «Assim para todo o sempre!»

Nesta luta de vinte gerações andavam lidando as gentes do Alentejo. O servo mouro olhava todos os dias para o horizonte, onde se enxergavam as serranias do Algarve: de lá esperava ele salvação ou, ao menos, vingança; ao menos, um dia de combate e corpos de cristãos estirados na veiga para pasto dos açores bravios. A vista do sangue enxugava-lhes por algumas horas as lágrimas, embora os valentes de África houvessem de fugir vencidos; embora as aves de rapina tivessem, também, abundante ceva em cadáveres de seus irmãos! E este ameno dia de Julho devia ser um desses dias por que suspirava o servo ismaelita.

Almoleimar descera com os seus cavaleiros às campinas de Beja. Pelas horas mortas da noite, viam-se as almenaras das suas atalaias nos píncaros das serras remotas, semelhantes às luzinhas que em descampados e tremedais acendem as bruxas em noites de seus folguedos: bem longe estavam as almenaras, mas bem perto sentiam os escutas o resfolegar e o tropear de cavalos, e o ranger de folhas secas, e o tinir a espaços de alfange batendo em ferro de caneleira ou de coxote. Ao romper da alva, os cavaleiros do Lidador saíam mais de dois tiros de besta além das velhas muralhas de Beja; tudo porém estava em silêncio, e só, aqui e ali, as searas calcadas davam rebate de que por aqueles sítios tinham vagueado almogaures mouros, como o leão do deserto rodeia, pelo quarto de modorra, as habitações dos pastores além das encostas do Atlas.

No dia em que Gonçalo Mendes da Maia, o velho fronteira de Beja, cumpria os noventa e cinco anos, ninguém saía, pelo arrebol da manhã, a correr o campo; e, todavia, nunca tão de perto chegara Almoleimar; porque uma frecha fora pregada à mão em um grosso soveiro que sombreava uma fonte, a pouco mais de tiro de funda dos muros do castelo. Era que nesse dia deviam ir mais longe os cavaleiros cristãos: o Lidador pedira aos pajens o seu lorigão de malha de ferro e a sua boa toledana.

Trinta fidalgos, flor da cavalaria, corriam à rédea solta pelas campinas de Beja; trinta, não mais, eram eles; mas orçavam por trezentos os homens de armas, escudeiros e pajens que os acompanhavam. Entre todos avultavam em robustez e grandeza de membros o Lidador, cujas barbas brancas lhe ondeavam, como flocos de neve, sobre o peitoral da cota de armas, e o terrível Lourenço Viegas, a quem, pelos espantosos golpes da sua espada, chamavam o Espadeiro. Eram formoso espectáculo o esvoaçar dos

balções e signas, fora de suas fundas e soltos ao vento, o cintilar das cervilheiras, as cores variegadas das cotas, e as ondas de pó que se alevantavam debaixo dos pés dos ginetes, como se alevanta o bulcão de Deus, varrendo a face da campina ressequida, em tarde ardente de Verão.

Ao largo, muito ao largo, dos muros de Beja, vai a atrevida cavalgada em demanda dos mouros; e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alvejam ao longe sobre um cavalo murzelo. Os corredores cristãos volteiam na frente da linha dos cavaleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos e transpõem-nos em breve; entram pelos canaviais dos ribeiros; aparecem, somem-se, tornam a sair ao claro: mas, no meio de tal lidar, apenas se ouvem o trote compassado dos ginetes e o grito monótono da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira.

A terra que pisam é já de mouros; é já além da frontaria. Se olhos de cavaleiros portugueses soubessem olhar para trás, indo em som de guerra, os que para trás de si os volvessem a custo enxergariam Beja. Bastos pinhais começavam já a cobrir mais crespo território, cujos outeirinhos, aqui e ali, se alteavam suaves, como seio de virgem em viço de mocidade. Pelas faces tostadas dos cavaleiros cobertos de pó corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam de espuma as redes de ferro acaireladas de ouro que os defendiam. A um sinal do Lidador, a cavalgada parou; era necessário repousar, que o Sol ia no zénite e abrasava a terra: descavalgaram todos à sombra de um azinhal e, sem desenfrear os cavalos, deixaram-nos pascer alguma relva que crescia nas bordas de um arroio vizinho.

Tinha passado meia hora: por mandado do velho fronteira de Beja um almogávar montou a cavalo e aproximou-se à rédea solta de uma selva extensa que corria à mão direita: pouco, porém, correu; uma frecha despedida dos bosques sibilou no ar: o almogávar gritou por Jesus: a frecha tinha-se-lhe embebido no lado; o cavalo parou de repente, e ele, erguendo os braços ao ar, com as mãos abertas, caiu de bruços, tombando para o chão, e o ginete partiu desenfreado através das veigas e desapareceu na selva. O almogávar dormia o último sono dos valentes em terra de inimigos, e os cavaleiros da frontaria de Beja viram o seu trance do repousar eterno.

– A cavalo! a cavalo! – bradou a uma voz toda a lustrosa companhia do Lidador; e o tinido dos guantes ferrados, batendo na cobertura de malha dos ginetes, soou uníssonos, quando todos os cavaleiros cavalgaram de um pulo; e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Grita medonha troou ao mesmo tempo, além do pinhal da direita. «Allah! Almoieimar!» – era o que dizia a grita.

Enfileirados em extensa linha, os cavaleiros árabes saíram à rédea solta detrás da escura seiva que os encobria: o seu número excedia cinco vezes o dos soldados da Cruz; as suas armaduras lisas e polidas contrastavam com a rudeza das dos cristãos, apenas defendidos por pesadas cervilheiras de ferro e por grossas cotas de malha do mesmo metal; mas as lanças destes eram mais robustas, e as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas. A rudeza e a força da raça gótico-romana iam, ainda mais uma vez, provar-se com a destreza e com a perícia árabes.

Como longa fita de muitas cores, recamada de fios de ouro e reflectindo mil acidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavaleiros mouros sobressaía na veiga entre as searas pálidas que cobriam o campo. Defronte deles, os trinta cavaleiros

portugueses, com trezentos homens de armas, pajens e escudeiros, cobertos dos seus escuros envoltórios, e lanças em riste, esperavam o brado de acometer. Quem visse aquele punhado de cristãos, diante da cópia de infiéis que os esperavam, diria que, não com bríos de cavaleiros, mas com fervor de mártires, se ofereciam a desesperado trance. Porém, não pensava assim Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a têmpera das espadas e lanças portuguesas e a rijeza dos braços que as meneavam. De um contra dez devia ser o iminente combate; mas, se havia aí algum coração que batesse descompassado, algumas faces descoradas, não era entre os companheiros do Lidador que tal coração batia ou que tais faces descoravam.

Pouco a pouco, a planura que separava as duas hostes tinha-se embebido debaixo dos pés dos cavalos, como no tórculo se embebe a folha de papel saindo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças iam feitas: o Lidador bradara Sant'Iago, e o nome de Allah soara em um só grito por toda a fileira mourisca.

Encontraram-se! Duas muralhas fronteiras, balouçadas por violento terramoto, desabando, não faziam mais ruído, ao bater em pedaços uma contra a outra, que este encontro de infiéis e cristãos. As lanças, topando em cheio nos escudos, tiravam deles um som profundo, que se misturava com o estalar das que voavam despedaçados. Do primeiro encontro muitos cavaleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derribado por Mem Moniz, que lhe falsou as armas e traspassou o peito com o ferro de sua grossa lança. Deixando-a depois cair, o velho desembainhou a espada e gritou ao Lidador, que perto dele estava:

– Senhor Gonçalo Mendes, ali tendes, no peito daquele perro, aberta a seteira por onde eu, velha dona assentada à lareira, costume vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar, como alcateia de vilãos, do cimo da torre de menagem.

O Lidador não lhe pôde responder. Quando Mem Moniz referia as últimas palavras, ele topara em cheio com o terrível Almoleimar. As lanças dos dois contendores haviam-se feito pedaços, e o alfange do mouro cruzou-se com a boa toledana do fronteira de Beja.

Como duas torres de sete séculos, cujo cimento o tempo petrificou, os dois capitães inimigos estavam um defronte do outro, firmes em seus possantes cavalos: as faces pálidas e enrugadas do Lidador tinham ganhado a imobilidade que dá, nos grandes perigos, o hábito de os afrontar; mas no rosto de Almoleimar divisavam-se todos os sinais de um valor colérico e impetuoso. Cerrando os dentes com força, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversário: o Lidador recebeu-o no escudo, onde o alfange se embebeu inteiro, e procurou ferir Almoleimar entre o fraldão e a couraça; mas a pancada falhou, e a espada desceu, faiscando, pelo coxote do mouro, que já desencravarara o alfange.

Tal foi a primeira saudação dos dois cavaleiros inimigos.

– Brando é o teu escudo, velho infiel; mais bem temperado é o metal do meu arnês. Veremos agora se na tua touca de ferro se embotam os fios deste alfange.

Isto disse Almoleimar, dando uma risada, e a cimitarra bateu em cima da cervilheira do Lidador, com a mesma violência com que bate no fundo do vale penedo desconforme desprendido do píncaro da montanha.

O fronteira vacilou, deu um gemido, e os braços ficaram-lhe pendentes: a espada ter-lhe-ia caído no chão, se não estivesse presa ao punho do cavaleiro por uma cadeia de ferro. O ginete, sentindo as rédeas frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha, a todo o galope.

Mas o Lidador tornou a si: uma forte sofreada avisou o ginete de que o seu senhor não morrera. A rédea solta, lá volta o fronteira de Beja: escorre-lhe o sangue, envolto em escuma, pelos cantos da boca; traz os olhos torvos de ira: ai de Almoleimar!

Semelhante ao vento de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre os cristãos e mouros: os dois contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro.

As espadas reluziram no ar; mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro, mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Almoleimar, que cedeu à violenta estocada; e o sangue, saindo às golfadas, cortou a última maldição do agareno.

Mas a espada deste também não errara o golpe: vibrada com ânsia, colhera pelo ombro esquerdo o velho fronteira e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrara na carne até o osso. Ainda mais uma vez a mesma terra bebeu nobre sangue godo misturado com sangue árabe.

– Perro maldito! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cervilheira.

E, dizendo isto, o Lidador caiu amortecido: um dos seus homens de armas voou a socorrê-lo; mas o último golpe de Almoleimar fora o brado da sepultura para o fronteira de Beja: os ossos do ombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes rasgadas pendiam-lhe para um e outro lado envoltas nas malhas descosidas do lorigão.

## 5

Entretanto os mouros iam de vencida: Mem Moniz, D. Ligel, Godinho Fafes, Gomes Mendes Gedeão e os outros cavaleiros daquela lustrosa companhia tinham praticado maravilhosas façanhas. Mas, entre todos, tornava-se notável o Espadeiro. Com um pesado montante nas mãos, coberto de pó, suor e sangue, pelejava a pé; que o seu agigantado ginete caíra morto de muitos tiros de frechas e lançadas. De roda dele não se viam senão cadáveres e membros destrancados, por cima dos quais trepavam, para logo recuarem ou baquearem no chão, os mais ousados cavaleiros árabes. Como um promontório de escarpados alcantis, Lourenço Viegas estava imóvel e sobranceiro no meio do embate daquelas vagas de pelejadores, que vinham desfazer-se contra o terrível montante do filho de Egas Moniz.

Quando o fronteira caiu, o grosso dos mouros fugia já para além do pinhal; mas os mais valentes pelejavam ainda à roda do seu capitão moribundo. O Lidador, esse tinha sido posto em cima dumas andas, feitas de troncos e franças de árvores, e quatro escudeiros, que restavam vivos dos dez que consigo trouxera, o haviam transportado para a saga da cavalgada. O tinir dos golpes era já mui frouxo e sumia-se no som dos gemidos, pragas e lamentos que soltavam os feridos derramados pela veiga ensanguentada.

Se os mouros, porém, levavam, fugindo, vergonha e dano, a vitória não saía barata aos portugueses. Viam perigosamente ferido o seu velho capitão, e tinham perdido alguns cavaleiros de conta e a maior parte dos homens de armas, escudeiros e pajens.

Foi neste ponto que, ao longe, se viu erguer uma nuvem de pó, que voava rápida para o lugar da peleja. Mais perto, aquele turbilhão rareou, vomitando do seio um basto esquadrão de árabes. Os mouros que fugiam deram volta e gritaram:

– Ali-Abu-Hassanf! Só Deus é Deus, e Mohammed o seu profeta!

Era, com efeito, Ali-Abu-Hassan, rei de Tângere, que estava com seu exército sobre Mértola e que viera com mil cavaleiros em socorro de Almoleimar.

## 6

Cansados do largo combater, reduzidos a menos de metade em número e cobertos de feridas, os cavaleiros de Cristo invocaram o seu nome e fizeram o sinal-da-cruz. O Lidador perguntou com voz fraca a um pajem que estava ao pé das andas que nova revolta era aquela.

– Os mouros foram socorridos por um grosso esquadrão – respondeu tristemente o pajem. – A Virgem Maria nos acuda, que os senhores cavaleiros parece recuarem já.

O Lidador cerrou os dentes com força e levou a mão à cinta. Buscava a sua boa toledana.

– Pajem, quero um cavalo. Onde está a minha espada?

– Aqui a tenho, senhor. Mas estais tão quebrado de forças!...

– Silêncio! A espada, e um bom ginete.

O pajem deu-lhe a espada e foi pelo campo buscar um ginete, dos muitos que andavam já sem dono. Quando voltou com ele, o Lidador, pálido e coberto de sangue, estava em pé e dizia, falando consigo:

«Por Sant'Iago, que não morrerei como vilão de beetria onde entrou cavalgada de mouros!»

E o pajem ajudou-o a montar a cavalo.

Ei-lo vai o velho fronteira de Beja! Semelhava um espectro erguido de pouco em campo de finados: debaixo dos muitos panos que lhe envolviam o braço e o ombro esquerdo levava a própria morte; nos fios da espada, que a mão direita mal sustinha, levava, porventura, ainda a morte de muitos outros!

## 7

Para onde mais travada e acesa andava a peleja se encaminhou o Lidador. Os cristãos afrouxavam diante daquela multidão de infiéis, entre os quais mal se enxergavam as cruces vermelhas pintadas nas cimeiras dos portugueses. Dois cavaleiros, Porém, com vulto feroz, os olhos turvados de cólera, e as armaduras crivadas de golpes, sustinham todo o peso da batalha.

Eram estes o Espadeiro e Mem Moniz. Quando o fronteira assim os viu oferecidos a certa morte, algumas lágrimas lhe caíram pelas faces, e, esporeando o ginete, com a espada erguida, abriu caminho por entre infiéis e cristãos e chegou aonde os dois, cada um com seu montante nas mãos, faziam larga praça no meio dos inimigos.

– Bem-vindo, Gonçalo Mendes! – disse Mem Moniz. – Quiseste assistir connosco a esta festa de morte? Vergonha era, de feito, que estivesse fazendo teu passamento, com todo o repouso, deitado lá na saga, enquanto eu, velha dona, espreito os mouros com meu sobrinho junto desta lareira...

– Implacáveis sois vós outros, cavaleiros de Ribadouro – respondeu o Lidador em voz sumida, – que não perdoais uma palavra sem malícia. Lembra-te Mem Moniz de que bem depressa estaremos todos diante do justo juiz.

– Velhos sois; bem o mostrais! – acudiu o Espadeiro. – Não cureis de vãs porfias, mas de morrer como valentes. Dêmos nestes perros, que não ousam chegar-se a nós. Avante, e Sant'Iago!

– Avante, e Sant'Iago! – responderam Gonçalo Mendes e Mem Moniz: e os três cavaleiros deram rijamente nos Mouros.

## 8

Quem hoje ouvir recontar os bravos golpes que no mês de Julho de 1170 se deram na veiga da frontaria de Beja, notá-los-á de fábulas sonhadas; porque nós, homens

corruptos e enfraquecidos por ócios e prazeres de vida afeminada, medimos por nosso ânimo e forças as forças e o ânimo dos bons cavaleiros portugueses do século XII; e todavia, esses golpes ainda soam, através das eras, nas tradições e crônicas, tanto cristãs como agarenas.

Depois de deixar assinadas muitas armaduras mouriscas, o Lidador vibrara pela última vez a espada e abriu o elmo e o crânio de um cavaleiro árabe. O violento abalo que experimentou fez-lhe rebentar em torrentes o sangue da ferida que recebera das mãos de Almoleimar e, cerrando os olhos, caiu morto ao pé do Espadeiro, de Mem Moniz e de Afonso Henriques de Baião, que com eles se ajuntara. Repousou, finalmente, Gonçalo Mendes da Maia de oitenta anos de combates!

Já a este tempo cristãos e mouros se haviam descido dos cavalos e pelejavam a pé. Traziam-se assim à vontade, e recrescia a crueza da batalha. Entre os cavaleiros de Beja espalhou-se logo a nova da morte do seu capitão, e não houve ali olhos que ficassem enxutos. O despeito do próprio Mem Moniz deu lugar à dor, e o velho de Ribadouro exclamou entre soluços:

– Gonçalo Mendes, és morto! Nós todos quantos aqui somos, não tardará que te sigamos; mas ao menos, nem tu, nem nós ficaremos sem vingança!

– Vingança! – bradou o Espadeiro, com voz rouca, e rangendo os dentes. Deu alguns passos, e viu-se o seu montante reluzir, como uma centelha em céu proceloso.

Era Ali-Abu-Hassan: Lourenço Viegas o conhecera pelo timbre real do morrião.

## 9

Se já vivestes vida de combates em cidade sitiada, tereis visto muitas vezes um vulto negro, que em linha diagonal corta os ares, sussurrando e gemendo. Rápido, como um pensamento criminoso em alma honesta, ele chegou das nuvens à terra, antes que vos lembrásseis do seu nome. Se encontrou na passagem angulo de torre secular, o mármore converte-se em pó; se atravessou, pelas ramas de árvore basta e frondosa, a folha mais virente e frágil, o raminho mais tenro é dividido, como se, com cutelo subtilíssimo, mão de homem lhe houvera cerceado atentamente uma parte; e, todavia, não é um ferro açacalado: é um globo de ferro; é a bomba, que passa, como a maldição de Deus. Depois, debaixo dela, o chão achata-se, e a terra espadana aos ares; e, como agitada, despedaçado por cem mil demónios, aquela máquina do inferno estoira, e de roda dela há um zumbir sinistro: são mil fragmentos; são mil mortes que se derramam ao longe. Então faz-se um grande silêncio, e após o silêncio vêem-se corpos destrancados, poças de sangue, arcabuzes quebrados, e ouvem-se o gemer dos feridos e o estertor dos moribundos.

Tal desceu o montante do Espadeiro, boto já dos milhares de golpes que o cavaleiro tinha descarregado. O elmo de Ali-Abu-Hassan fiascou voando em pedaços pelos ares, e o ferro cristão, esmigalhando o crânio do infiel, abriu-o até os dentes. Ali-Abu-Hassan caiu.

– Lidador! Lidador! – disse Lourenço Viegas, com voz comprimida. As lágrimas misturavam-se-lhe nas faces com o suor, com o pó e com o sangue do agareno, de que ficou coberto. Não pôde dizer mais nada.

Tão espantoso golpe aterrou os mouros. Os portugueses seriam já apenas sessenta, entre cavaleiros e homens de armas: mas pelejavam como desesperados e resolvidos a morrer. Mais de mil inimigos juncavam o campo, de envolta com os cristãos. A morte de Ali-Abu-Hassan foi o sinal da fugida.

Os Portugueses, senhores do campo, celebravam com prantos vitória. Poucos havia que não estivessem feridos; nenhum que não tivesse as armas falsadas e rotas. O

Lidador e os demais cavaleiros de grande conta que naquela jornada tinham acabado, atravessados em cima dos ginetes, foram conduzidos a Beja.

Após aquele tristíssimo préstito, iam os cavaleiros a passo lento, e um sacerdote templário, que fora na cavalgada, com a espada cheia de sangue metida na bainha salmeava em voz baixa aquelas palavras do Livro da Sabedoria:

– *Justorum autem animam in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis.*

## DE JERSEY A GRANVILLE

(1831)

Abandonávamos, enfim, o solo de Inglaterra. Seria pela volta do meio-dia quando saltámos no *chasse-marée* que devia conduzir-nos de Jersey a Saint-Malo, atravessando aquela estreita porção do canal que nos separava da França. Sentimentos encontrados eram nesse momento os meus. O sol resplandecia brilhante e o ar estava puro e sereno: era um dia de Outono, tão belo como o que mais o fosse em Portugal. De um lado alteava-se a ilha, com os seus outeiros e vales, solo anfractuoso semelhante ao nosso, e a povoação com os seus edifícios cobertos de telha, que nos faziam esquecer aqueles horríveis tectos ingleses de lousa negra, espécie de tabuletas do *spleen*, penduradas pelos Bretões sobre as suas cidades e onde parece ler-se a inscrição de Dante:

*Per me si va nella città dolente*

Do outro lado estendia-se o mar, chão e espelhado, que se interpunha entre nós e a França; entre nós e esse país, que, para a mocidade das nações ocidentais da Europa, é como uma segunda pátria; porque lá está o centro das ideias que hoje agitam os espíritos, tanto no que respeita às questões Sociais, como no que interessa à ciência e à literatura; porque lá vivem os escritores que melhor conhecemos; que, até, amamos como se foram nossos: país a cujos hábitos, tradições, sucessos e glórias nos, têm associado os seus livros, sem sentirmos, sem, talvez, o querermos. Ao aproximarmo-nos da França, o coração não bate violento, não se derramam lágrimas como ao avistar a terra em que nascemos; mas o ânimo e desafoga-se e abre-se à esperança; vamos tratar homens que nunca vimos, mas com quem de largo tempo vivemos pelas íntimas relações dos afectos e da inteligência.

Éramos seis portugueses a bordo do *chasse-marée*, além de dois marinheiros franceses e um grumete, entidades análogas aos nossos antigos desembargadores; porque cada um deles cumulava seis ou sete cargos daquela vacilante e pequena república, cargos disparatados, que, todavia, os três personagens desempenhavam perfeitamente, destruindo assim, em parte a analogia radical que tinham com esses magistrados de pedante e pesada memória, que não desempenhavam bem nenhum. Um cão e três ingleses completavam a colecção dos animais inclusos entre as quatro tábuas da frágil embarcação.

O *chasse-marée* é um transporte marítimo, que, na minha profunda ignorância das coisas navais, me parece semelhante ao iate português, ao menos na imundície e na carência absoluta de tudo o que seja comodidade. Nisto, entre parênteses, não sou eu ignorante; porque tenho experimentado uns e outros e posso asseverar que seria mui dificultoso de resolver qual dos dois géneros de navios tem parentesco mais próximo com as rudes e acanhadas galés em que, há sete séculos, Guilherme-o-Conquistador transportou, através daquele mesmo canal, da Normandia para Inglaterra, os ascendentes da actual aristocracia britânica.

Cómoda ou incómoda, era necessário aproveitar aquela detestável jangada para passarmos a França, e isto por duas razões urgentíssimas: a primeira, porque nenhuma outra embarcação havia no porto de Saint-Hélier com destino imediato para a costa fronteiriça: a segunda, porque o preço da passagem era apenas uma libra esterlina, e uma libra esterlina era o fôlego maior que podia sair da boca das nossas bolsas, cuja tísica pulmonar ia já no último período. Tendo-nos, portanto, ajustado com o marinheiro que

capitaneava o outro marinheiro, e havendo metido a bordo os nossos baús, que, pelo leve e desimpedido, podiam servir-nos de botes de salvação em caso de naufrágio, saímos da caldeira de Saint-Hélier corri uma brisa forte da terra, que brevemente rios arremessou para o largo. Era muito depois do meio-dia. Do lado do poente, algumas nuvens brancas recortavam as suas franjas irregulares sobre o chão do céu, que à luz do Sol tornava de um azul-desbotado. Raras e diáfanas, aquelas nuvenzinhas baloiçavam-se no ar, ao que parecia, mais voluptuariamente do que nós, que sentíamos arfar, pinchando dentre as vagas crespas, o nosso pequeno baixel. Pouco a pouco, esses vapores acumulados, cujos contornos ocidentais barravam orlas de ouro, engrossaram, tomando formas determinadas. Depois, correndo gradualmente – mais rápidos e interpondo-se entre os raios do Sol, já inclinados, e o vulto rugoso das águas, lhes remendavam o dorso, semelhante à pele mosqueada do tigre. Este jogo da luz dava ao mar um aspecto verdadeiramente acorde com a sua natureza. Que é ele, de feito, senão a mais terrível das bestas-feras?

E o vento refrescava de instante a instante, e os mastros do *chasse-marée* principiavam a soltar de quando em quando um gemido doloroso, curvando-se para as velas quadrangulares retesadas diante deles.

O grumete ia ao leme: o marinheiro, que representava e resumia a campanha, de braços e com os joelhos sob o ventre, no ademanço do gato que se apresta a saltar sobre o murganho imóvel de terror, parecia examinar os novelos de nuvens tenebrosas que se rolavam no horizonte e cresciam para nós, como visualidade de câmara obscura. A barlavento, o arrais ou capitão (*capitaine* lhe chamávamos nós, pelo menos), que representava e resumia a oficialidade do navio, corria o corpo torcido e encostado à amurada, firmando a barba nos braços cruzados em cima da borda, também parecia esquadriñar o céu e o mar. Dir-se-ia que o encapelar das ondas se regulava e media pelas rugas que sucessivamente aumentavam em número e profundidade na frente tostada do antigo marujo. Um susto vago e inexplicável como que pairava no meio de nós. Era que a postura e o gesto daqueles dois homens tinham um não sei quê sinistro e misterioso, semelhante ao bufar morno do vento que precede e anuncia a procela.

Nós, os passageiros, assentados numa espécie de canapé mal-afeiçoado, que circundava a coberta à popa, tínhamos insensivelmente caído em completo silêncio; ou para falar com mais exactidão, nós, os portugueses, éramos os que nos havíamos calado; porque nem o cão, nem os três ingleses tinham proferido, aquele um só ladro, estes um só grasnido, desde o momento em que saltaram a bordo, na abra de Saint-Hélier. O único ruído que sussurrava era o ranger do baixel e o sibilo do vento, embatendo em nós e abismando-se nos nossos ouvidos, o que nos fazia escutar um som semelhante ao do pinhal que se estorce e verga, ao redemoinharem-lhe por entre as ramas os mil braços da tempestade nocturna.

Dos três ingleses, um, velho de cabeça inteiramente branca e rosto inteiramente vermelho, dava certidão, nas, cãs, de que a água do baptismo passara por ali havia muitos anos; na cor da tez dava-a de que também não havia poucos que ele, levado de um santo respeito pela matéria do principal sacramento, abjurara de coração tocar-lhe com os lábios, contentando-se de humedecê-los com os três líquidos fundamentais de todos os contentamentos possíveis entre os netos dos Kimhris e Saxónios – o rum, o vinho e a cerveja. Dos outros dois, um mostrava ser inglês de cinquenta anos, outro de quarenta; o primeiro, magro, de altura de cinco para seis pés craveiros, faces encovadas, nariz meridional ou, antes, judaico, isto é proeminente e adunco, tez não tanto morena como macilenta; o segundo, tipo saxónico, isto é, rosto largo e achatado, olhos azuis, guedelhas louras, boca profundamente vincada nas extremidades do beijo inferior, de aspecto aborrido e orgulhoso, como se todo o fumo de carvão de pedra britânico o

cercasse com a sua auréola de glória nacional. Demais disso, não havia que duvidar-lhes da pátria: indicava-a o cheiro dos seus vestidos, suavemente impregnados do fartum sebáceo de carneiro e aromatizados com os eflúvios nauseantes da infusão de chá preto, os quais constituem a fórmula odorífera da sociedade política chamada os Três Reinos Unidos.

– Pois também há cheiros nacionais? –, dirá o leitor. Que dúvida! Cada nação tem a sua crença, a sua língua e o seu cheiro. O credo inglês é representado não sei ao certo por quantos centenares de seitas, que se mandam reciprocamente para o Inferno, desde a igreja anglicana, em que os bispos e arcebispos (poetas, anfitriões, milionários e políticos) bradam anátema contra as vaidades, luxo e cobiça de Roma, até os metodistas, que vão para os seus templos caçar as inspirações de cima, inspirações que muitas vezes são papadas por velha fanática e tonta. e ouvidas pelos seus irmãos, como uma compunção que daria vinte comédias a Gil Vicente, se hoje vivesse e viajasse pelo *Might Empire* do vapor e da cerveja.

A brisa, que, ao sairmos, de Jersey era em popa, rodou sucessivamente para noroeste, e, antes do pôr do Sol, soprava já violenta do lado do oeste. Nós seguíamos, pouco mais ou menos, o rumo do sul, e a mudança do vento, posto que ameaçadora, tinha sido momentaneamente uma vantagem de comodidade: o *chasse-marée* corria à bolina, e por isso o seu arfar se tornara mais suave. No horizonte, quase pela popa, divisávamos ainda o promontório de Noirmont e pela nossa esquerda prolongavam-se quase imperceptivelmente as costas de França, como uma linha negra lançada ao través dos mares. O silêncio que reinava a bordo dava certa melancolia solene ao quadro do céu nublado, das vagas revoltas e da terra, que parecia quase desvanecer-se na orla das solidões do oceano.

O inglês velho, que ia justamente assentado à minha direita, a pouco mais de meia milha de Saint-Hélier começou a empalidecer. O ar marinho é inimigo figadal do fastio, e por isso teríamos apenas navegado duas horas quando começámos a experimentar, nós os portugueses pelo menos, a imutabilidade inflexível desse axioma dietético. Tirámos algumas das nossas provisões e pusemo-nos a despachar os requerimentos do estômago. Ofereci ao velho que tomasse parte naquela refeição; mas, ele recusou, declarando-se *sea sick* (enjoado); todavia, para não perder, como verdadeiro inglês, os prós da minha boa vontade, entendeu que podia trocar uma obra de misericórdia por outra e, deixando-se escorregar do banco ao convés, fincou-me sobre os joelhos a cabeça entontecida e cerrou os olhos. Recomendei então a Deus os meus pobres ossos crurais, ameaçados de chegarem a França em estado de para nada prestarem, visto ser a cabeça do velho uma legítima cabeça britânica: dura, pesada e maciça, como. o governo da Companhia Inglesa na Ásia.

Porque não repelia eu a familiaridade ominosa do bom inglês, de um homem que, como bom português, tinha obrigação de repelir? Era porque em contrário havia duas considerações graves. Uma cabeça branca é sempre respeitável, ainda que assente sobre o tronco de um da Grã-Bretanha. Além disso, o cesto de verga em que iam as nossas provisões estava ali como um espectro, que me embargava sacudir a fronte do ancião para o travesseiro macio do convés gorduroso. O porquê desta acção simpática do cesto sobre o meu espírito di-lo-ei em breves palavras. Miss Parker de Plymouth era uma donzela de sessenta anos; excelente criatura, que nos dera cama e luz por dois meses naquela cidade, mediante a bagatela de três *shillings* semanais por cabeça. A Inglaterra, como todos sabem, é o país da franca e sincera hospitalidade. Éramos aí nove portugueses, em seis camas e três aposentos, o que dava certo ar pitagórico e misterioso à família, que, dirigida por Miss Parker, podia servir de modelo às outras ninhadas de emigrados que ainda viviam em Plymouth. Ninguém tinha uma patroa como nós e os

seus *lodgings* eram a pérola das albergarias de Plymouth. A princípio havia-se encarregado de nos preparar a comida; mas poucos dias pudemos resistir aos abomináveis temperos do país. É precisa uma raça de estômagos que ainda fosse antropófaga no meado do quinto século da era cristã para lutar vantajosamente com a cozinha de Inglaterra, e estes estômagos só os Ingleses os possuem, segundo o testemunho do seu historiador Gibbon. Os nossos cederam a tão dura prova e vimo-nos obrigados a dispensar Miss Parker do mister de nos envenenar. Quanto ao mais, éramos verdadeiramente seus filhos em espírito; em espírito, digo, porque, afora muitas reflexões pias que se dignava fazer-nos, a nós, pobres idólatras do catolicismo, obrigava-nos a respeitar o domingo com o inteiro rigor da igreja anglicana, isto é, a morrermos de tédio e tristeza, proibindo em sua casa todo o género de divertimento, ainda o mais inocente, desde pela manhã até sol-posto, momento em que, naquele abençoado país, Deus cede ao Diabo o resto do dia dominical e em que a devassidão e a embriaguez, tripudiando nos prostíbulos e nas tabernas, se vingam das dez ou doze horas de sermões impertinentes dos *clergymen* e de salmos desafinados pelas vozes roufenhas e prosaicas da turbamulta, debaixo das abóbadas santas, poéticas e venerandas das antigas igrejas católicas, repartidas hoje em camarotes de teatro pela pureza aristocrática e beata do protestantismo inglês.

Miss Parker foi o único fôlego vivo da Grã-Bretanha a quem, na minha estada em Inglaterra, devi um benefício: quando partimos para Jersey, deu-nos um cabazinho em que levássemos a nossa matalotagem e derramou algumas lágrimas ao despedir-se de nós. Aquele cabazinho era o que estava ante mim e me sustinha em cima dos joelhos a cabeça do velho. Sobre as vagas procelosas do canal da Mancha, saldava assim as minhas contas com a Inglaterra.

O vento continuava a rodar para sudoeste e os nossos dois marinheiros colheram parte do pano e mudaram algum tanto de rumo: depois tornaram a assentar-se na mesma postura em que estavam, e tudo voltou ao anterior silêncio, que só era interrompido pelo marulho das ondas, espalmado-se no costado do *chasse-marée*.

Mas um Flagício, mais abominável ainda que os condimentos ferozes da cozinha inglesa, veio cortar atrozmente este silêncio triste, que representava no meio de nós a previsão de iminente procela.

O inglês alto, de gesto esguio e nariz hebraisante, tinha-se assentado ao pés do outro inglês afeiçoado pelo tipo saxónico, no topo esquerdo da banquetta corrida à polpa. Duas ou três vezes, desde que levámos ferro, ele dirigiu ao companheiro uma rosnadura, a que este respondeu com o estirado monossílabo *Yes*. A quarta vez, aquela resposta lacónica foi proferida com certa melopeia de resignação, que cortava os fios da alma, e acompanhada de um volver de olhos azuis, onde se pintava uma súplica de piedade. Mas o inglês aguçado carregou o sobrolho e, metendo a mão ao seio, pôs-se a procurar o que quer que era na algibeira interior de uma das quatro sobrecasacas que tinha vestidas. Eu observava esta cena; sabia o que pode o *spleen* e o receio de algum anglicídio passou-me pela mente ao contemplar o aspecto torvo de um e o gesto confrangido e tímido de outro. O vento sibilava violento, as águas começavam a tingir-se de negro e o céu estava completamente toldado; era meio poema britânico. Um tiro de pistola e um cadáver baldeando ao mar completariam uma epopeia. Nas feições do inglês esgrouviado parecia-me ler duas palavras – *spleen* e *poeta* – e por isso os meus temores não eram infundados, como, no primeiro momento, talvez os tenha julgado o leitor.

E o mais era que eu acertara, farejando em Mr. Graham Sénior (eram os dois ingleses irmãos, segundo depois soubemos), um fazedor de regrinhas que na língua inglesa correspondem ao que nas línguas do Meio-Dia é e se chama versos. O honrado Mr. Graham não procurava na algibeira o âmago e substância da idealidade e poesia

britânicas, a pistola suicida. Não! Era coisa mais atrocemente assassina; era um caderno grosso de letra microscópica, onde provavelmente se continham as suas inspirações inéditas! Estava explicada a longa taciturnidade dos dois. O perverso meditava aquele fratricídio intelectual desde a partida de Saint-Hélier, e os quatro grunhidos abafados que lhe ouvíramos tinham sido quatro tentativas para predispor a vítima. De feito, quando ele sacou o alentado canhenho, Mr. Graham Júnior parecia inteiramente resignado.

Aquele atrozador das orelhas do próximo começou a sua leitura pela primeira página. Era um algoz de consciência e já se podia prever que tinha a boa intenção de atormentar-nos enquanto durasse o dia, que felizmente se inclinava a seu termo. Como me foi possível, percebi aos trinta ou quarenta versos que era um poeta da escola de Pope ou, como quem o dissesse entre nós, um poeta da Arcádia. Cá teria falado em Jove, Marte e Neptuno, nas Musas, nos Zagais, nas Ninfas, na tuba de Calíope ou na sanfona não sei de que deusa: lá, nas inspirações de Mr. Graham, eram as paixões, os vícios, os afectos personalizados quem fazia o serviço dos seus poemas; aqui a esperança, ali o desalento; ora a temperança, logo a desenvoltura. Aquela poesia frigidíssima fazia-me lembrar do Olímpio, do Pinto e da Castália dos nossos árcades e de algum modo me consolava das misérias domésticas ao ver que a poesia cadavérica das formas e não vivia unicamente, entre nós, mas ainda ousava, no canal da Mancha, misturar as suas sensaborias académicas, com o bramido terrível do vento e com o fervor estrepitoso das vagas, que entoavam acordes à sublime invocação da procela.

O poeta esguio declamava as suas regrinhas lentamente e com todos os requebros da melopeia inglesa, género de canto semelhante ao gemer rabugento de uma criança na primeira dentição. O pobre diabo, posto que, provavelmente, acreditasse que nenhum de nós o entendia, pensava, por certo, que, nova espécie de Orfeu, bastavam os sons das suas palavras harmoniosas para nos arrebatarmos e extasiarmos, a nós, selvagens da Europa, como com tanta graça e verdade denominam os escrevinhadores de John Bull os habitantes da Península! Pensava assim, decerto; porque, de quando em quando, volvia para nós os olhos, com aquele sorriso de complacência estúpida que é peculiar na cara de um inglês vaidoso e contente de si.

Um dos exemplos mais lamentáveis da cegueira do espírito humano é a persuasão em que os escritores de Inglaterra estão de que possuem uma língua literária falada; isto é, que os sons quase inarticulados do seu chilrear e grunhir correspondem suficientemente aos grupos de caracteres alfabéticos de que eles se servem para representarem os próprios pensamentos. Todavia, a língua escrita de Inglaterra nada tem que ver com a linguagem em que a nação, se exprime; são dois tipos diversíssimos, que dão forma sensível ao pensamento. Abri um livro escrito em qualquer outro idioma da Europa e fazei ler por ele um estrangeiro completamente ignorante desse idioma: o natural do respectivo país, aquele que o falou desde a infância, entenderá tudo ou quase tudo, se escutar essa leitura. Fazei a mesma experiência com um livro inglês: o natural de Inglaterra não entenderá provavelmente uma única palavra. É que, na realidade, entre este povo, em tudo singular, os sinais chamados letras não têm um valor constante e determinado, e por isso não podem corresponder rigorosamente a um som.

A Inglaterra há visto nascer no seu grémio grandes poetas. Shakespeare e Byron bastariam para lhe dar uma glória imensa. Mas a sua poesia reside toda no pensamento, na essência da arte. As formas externas são rudes bárbaras, ou flutuantes. Shakespeare e Byron foram dois selvagens, um porque estava além da civilização, outro porque estava aquém dela; mas foram, talvez, as duas almas mais sublimemente poéticas da Europa. Porque, pois, não souberam ajuntar a melodia material às harmonias íntimas das suas

ideias? Foi porque não podiam converter em palavras humanas o intolerável grasnido dos seus compatriotas.

Uma coisa que sempre me acontece em ouvindo falar em inglês é notar as misteriosas analogias que há constantemente entre a língua de qualquer povo e os seus hábitos de moralidade. Considerai, por exemplo, a língua alemã: é um idioma perfeitamente acentuado: os vocábulos escritos correspondem rigorosamente aos falados: não há aí luxo inútil de letras: todas se proferem: todas representam um som ou uma articulação. Os caracteres do alfabeto nunca serviram para enganar o estrangeiro. Não achais nisto uma expressão do ânimo leal, franco e singelo daquele povo? A *Deutsche Treue*, a fé germânica, não se reflecte, como em um espelho, na língua desse país? Agora escutai um inglês: dois terços de cada palavra, como a representam os sinais alfabéticos, não se proferem: devora-os o leitor: são uma armadilha para obrigar os lábios peregrinos a darem silabadas: o inglês pronuncia com os dentes cerrados, como se temesse que essas palavras-ouriços lhe fizessem, ao perpassarem, os lábios em sangue. Não achais nisto um tipo de cobiça e avareza? Um pensamento enganoso? O algodão tecido à sorrelfa com a lã? Não descobris lá o pensamento do Tratado de Methuen, ou do desembarque de Quiberon? Não se revela no coaxar das rãs de Wordsworth e dos poetas dos lameiros o *British Interest*?

Tais eram as reflexões em que eu estava embebido, enquanto o poeta mastarêu acreditava ter-nos enleado a todos com as melífluas toadas do seu poético labor. A noite, entretanto, despenhando-se de castelo em castelo, de nuvens, lançava sobre o dorso do mar revoltado o seu manto de escuridade. O sectário de Pope cedeu então às trevas: fechou o canhenho e resguardou-o outra vez dos olhos profanos debaixo da meia fábrica de Leeds que fora absorvida na mole imensa dos seus quatro casacões.

Mr. Graham Júnior, apenas seu respeitável irmão, cessou de ler, voltou para ele o rosto melancólico e murmurou, depois de um suspiro:

– *Aye! Very good!*

Com os três *Yes* precedentes faziam a conta de seis palavras ou grasnidos que despendera naquele dia Mr. Graham Júnior.

Dois ingleses ridículos são indubitavelmente as duas coisas mais ridículas deste mundo.

O temporal que se preparara durante a tarde desfechou em cima de nós com o cerrar da noite. O vento saltara inteiramente ao sul, de modo que nos ficava ponteiro. As vagas acumulavam-se em serras, que, alçando-se e topando em cheio, se enlaçavam e confundiam, como dois lutadores furiosos. Depois, a mais possante, sumindo debaixo de si o grande vulto da sua contrária, erguia o topo esguio, que vacilava um instante e caía, desfeita em catadupas de escuma, nos vales profundos cavados momentaneamente em volta dela. A luta daqueles vagalhões gigantes, em pé sobre o abismo das águas, estreitando-se e despedaçando-se, como as hienas e tigres num circo romano, vista assim ao lusco-fusco, sob céu achatado e cinzento, era uma sublime peleja! Todos os espectáculos da Terra – dos homens ou da natureza –, que são ou que valem comparados com a cólera da procela que passa no oceano? Menos que farsa sem sabor de títeres, comparada com o Hamlet e com o Otelo representados por Betterton ou por Garrick. O mistério dos mares é, de todas as obras da criação, aquela em que mais profundamente o Senhor estampou o seu verbo; a inscrição indelével, indubitável, que narrará perpetuamente ao género humano o seu infinito poder.

O *chasse-marée* havia-se posto à capa. O vento não consentia já que surdíssemos avante e o arrais, depois de breve conferência à proa com o seu companheiro, veio declarar-nos que seria impossível seguir o rumo de Saint-Malo; que era necessário pôr a proa nas costas da Normandia e dirigirmo-nos a Granville; que, finalmente, só aí

poderíamos tocar em terra na manhã seguinte. Recebemos esta desagradável nova com mais heróica resignação, se é possível, que a de Mr. Graham Júnior, ao levar a sova poética das inspirações fraternas. E que não nos resignássemos! A imutabilidade do nosso destino proclamavam-na os silvos do vento e, o que mais era, a declaração do arrais. Um capitão de qualquer baixel é o absolutismo encarnado: as suas decisões equivalem à fatalidade moslémica. Em muitos sermões políticos, que é a espécie mais impertinente do génio literário – sermão –, tenho lido comparações fulminantes contra os tiranos, busca das no despotismo asiático. Se eu caísse na miséria de fazer eloquência política, não ia tão longe buscá-las. Saltava no primeiro iate, *chasse-marée*, ou *sloop* e, travando do arrais, dizia ao mundo: *ecce homo*; eis aqui a flor, a maravilha, o ideal de todos os despotismos possíveis. Os que andam incomodando Átila, Kulikan ou Timur, para aferir por eles os tiranetes quase ridículos da Europa moderna, são dissertadores de água doce, que (para me servir de uma frase do autor de *Micer Harold*) nunca puseram a mão sob a juba crespa do oceano. Tirania e arrais são sinónimos: digam o que quiserem os extirpa dores implacáveis das sinonímias.

Maitre Jean Legris era um verdadeiro arrais normando: duro, carrancudo e inexorável, como os piratas do século duodécimo seus antepassados, de que tão pavorosas memórias restam nas costas de Portugal e de Galiza. Ouvimo-lo com mágoa, mas com respeito, porque não havia replicar. O *chasse-marée* obedecia ao leme, o leme ao marinheiro, o marinheiro ao capitão, e o capitão, pactuando com o vento, resolvera empalmar-nos Saint-Malo e a Bretanha, para nos dar em troco Granville e a Normandia. Por isso, antes de nos comunicar as suas intenções, mestre João tinha dado a popa à tempestade e tomado o rumo de leste. Contava de antemão com a obediência que não lhe podíamos recusar.

Enfim, anoitecera: a única luz que víamos nas campinas do céu e das águas era aquela espécie de branquejar fantástico e transitório da espuma, que é para o luar o que um retrato de morte-cor para um vulto original – menos que frouxíssima claridade e mais que o crepúsculo esbranquiçado e indeciso de um corpo alvo e que mal se divisa no meio das trevas.

O *chasse-marée*, galgando por cima das ondas, no meio do refluxo delas, devia parecer, visto de longe, um baixel misterioso e infernal, perseguido por espectros que surgiam sucessivamente dos abismos e que, em roda dele, dançavam danças malditas, envoltos em seus alvos sudários.

Bem importavam a Mr. Graham, o fraticida psicológico, aquelas solenes tristezas de uma noite procelosa! Tirou um frasquinho de aguardente que trazia a tiracolo bebeu um largo trago e alevantou-se, dirigindo-se à escotilha da espécie de câmara que nos ficava debaixo do tombadilho. Era um pinheiro! Quando o vi em pé, receei que o sul o partisse; mas nem sequer rangeu. Se me não mente um cálculo rápido, Mr. Graham era, ao menos fisicamente, um poeta da força de oitenta cavalos, medida britânica: era um poeta de alta pressão: era um poeta, *warranted*, para me exprimir como os lacónicos letreiros de todas as peças de fazendas inglesas falsificadas. Mr. Graham Júnior seguiu Mr. Graham. Sénior, *non passibus aequis*, como mais curto que era. Ouvimos lá em baixo ainda dois ou três regougos; depois, tudo caiu de novo em silêncio.

O velho que se me encostara sobre os joelhos, apenas viu os seus compatriotas buscarem a colheita para a noite ergueu-se e, cambaleando, chegou à íngreme escada que conduzia à estreita câmara. Pôs um pé no primeiro degrau, pôs o outro no segundo, tornou a pôr aquele no ar e disse com o corpo no fundo «Pam!»

Era o som de um *cask* de cerveja caindo de vinte pés de altura. Ouviu-se um grito rouco e mais dois grunhidos dos seus respeitáveis patrícios. Tinha arreventado o saxónio ou espalmado o poeta? Talvez ambas as coisas. Corremos a acudir-lhes, levados

pelo primeiro impulso da humanidade. Os primeiros impulsos, nestes casos, não prestam nem para Deus, nem para o Diabo, porque são estupidamente involuntários. Seja isto dito, com paz do leitor, como desculpa da nossa caridade e como descargo da consciência nacional.

Para clareza desta importante narração, é de saber que, apenas viráramos de rumo, o marinheiro substituíra o grumete no governo do leme, como ministro responsável de mestre João, e o grumete fora assentar-se à proa, no lugar que deixara o seu sucessor, exactamente como um ministro demitido, que vai tomar assento nos bancos da oposição. Dali olhava para o tombadilho, fazendo a segunda, com um assobiar monótono, ao bramido do vento.

Chegámos dois ou três à escotilha onde soara o baque do velho. íamos a descer, a risco de nos despenharmos também, quando a cabeça de Mr. Graham Sénior começou a surgir, como uma visão de Manfredo:

*What dost thou see?*

[...]

*I see a dusk and awful figure rise.*

À luz da bitácula, que enviava um raio frouxo ao rosto do grumete, o poeta acenou-lhe que se aproximasse, sem se dignar sequer de olhar para nós, humildes criaturas, que havíamos parado em roda de sua grandeza.

O rapaz chegou-se a Mr. Graham.

– Brandy!<sup>9</sup> –, rosou este com o aspecto temerosamente carrancudo e imperativo de um Nelson, dando a ordem de acometer na Batalha de Trafalgar. Dizendo e fazendo, mostrava o seu frasco de aguardente virado de boca para baixo. O rapaz pôs-se de novo a assobiar.

Nós então ousámos perguntar a sua extensão se porventura sucedera algum fracasso aos seus compatriotas. Ele lançou-nos um olhar oblíquo e, em voz alta, mais bradou ao grumete:

– *Rhum!*

– Não, há –, respondeu o rapaz, entre dois assobios.

– *Bring rhum, boy!* –, insistiu o cantor da temperança, já colérico e fazendo-se desentendido.

– *Chien d'anglais*, não percebes?... –, exclamou o grumete na sua língua nativa, com um gesto de impaciência; e acrescentou, voltando-se para nós:

– Que diz este diabo?

– Que lhe ponhas para ali cachaça –, ia eu a dizer, parafraseando em francês os três monossílabos britânicos, quando fui interrompido por um mugido, súbito, incisivo, retumbante, que sobrelevou o rugir da tempestade. Soltara-o Mr. Graham, que, cerrando os punhos, com todos os ademanos de um professor de soco, crescia já para o pobre grumete, o qual avaliara erradamente a linguística do poeta. Ele percebera às mil maravilhas as duas personalidades de cão e *diabo*, que ousara dirigir-lhe o imberbe e enfarruscado normando.

Felizmente para este, uma onda, galgando exactamente neste momento, à popa, veio lavar o tombadilho e um forte balanço, fazendo perder o equilíbrio ao filho da Grã-Bretanha, o estendeu ao comprido na água que passava em demanda da proa, com grave perigo do precioso manuscrito do casacão. Estirado sobre a tilhá do *chasse-marée* e coleando e bufando para se levantar, Mr Graham representara sofrivelmente o papel de um congro, tirado naquele instante do mar. Quando ele, enfim, pôde concluir o

---

<sup>9</sup> Aguardente.

plagiato que fizera ao tombo do seu velho compatriota, o grumete tinha-se já retirado ao anterior posto, sobre os escovéns, e continuava o seu acompanhamento de assobio ao estrepitar do vento.

Mr. Graham meditou um momento. Parece que o abalo da queda e a frescura da água lhe haviam modificado poderosamente o órgão da *combatividade*; porque, sem dizer palavra, desceu outra vez para a limitada câmara da frágil embarcação.

Este incidente, que passara com grande rapidez, podia ter dado motivo a uma séria desavença entre o arrais e o poeta, porque mestre João mostrava-se assaz cioso da própria autoridade para não consentir que um dos seus súbditos fosse punido por haver recusado uma coisa que talvez não houvesse realmente a bordo, e por ter dito duas verdades duras a um conterrâneo dos nevoeiros e dos *beef-steaks*. Mas porque não se exprimiu Mr. Graham de modo que o grumete o entendesse? Como imaginou ele que o pobre rapaz pudesse perceber os seus três monossilábicos grunhidos? E que o orgulho e o patriotismo britânicos andam aninhados em tudo. O que nos outros países se, olha como um primor de educação, em Inglaterra é uma indecência. Um inglês parece envergonhar-se de saber algum idioma estranho, sobretudo o francês, que nos países continentais não é permitido ignorar a qualquer indivíduo medianamente instruído.

A língua francesa, pela sua simplicidade, regular sintaxe, determinada prosódia e mais circunstâncias que a tornam fácil para os estrangeiros, tem obtido certa universalidade, que a vai convertendo, por assim dizer, em língua geral, principalmente na Europa. Este domínio da língua francesa deve ter talvez, em mais ou menos remoto futuro, graves consequências políticas. É por esta razão que aos Ingleses dói excessivamente tal domínio. Primeira nação do mundo, como potência material; representando nos tempos modernos uma imagem da antiga Roma, a Inglaterra malsofre ser intelectualmente inferior à Alemanha e à França. A influência moral que, pelos seus livros, esta última exercita na Europa, nomeadamente nos países ocidentais, tende a aumentar aí a sua influência social, na razão directa do progresso de civilização desses países. A França actua pelas ideias, enquanto a Inglaterra o faz pelas esquadras: mas a acção das ideias cria a semelhança de crenças, de costumes e de afectos, enquanto o temor das esquadras, o aparato do poder, as insolências do forte contra o fraco só geram ódios fundos, que se vão legando de pais a filhos; que se vão acumulando no tesouro comum das gerações que vêm surgindo. Estes ódios são um incêndio que lavra e que pode abrasar a Inglaterra, num desses dias aziagos que amanhecem para as nações, como para as famílias. Uma crise basta para perder o Reino Unido, e esta crise é fácil num corpo moral cuja fisiologia é monstruosa e antinómica. A Grã-Bretanha deve saber que os ecos do continente repetem de contínuo a grande voz do povo, que, em mais de um país, murmura aquele terrível verso do poeta italiano:

*Siam'servi, si: – ma servi ognor frementi!*

Ninguém como os Ingleses tem o instinto da vida Nuns, este instinto é ajudado pelo raciocínio; noutros, pelo orgulho nacional. A Inglaterra desejava tirar à França as influências intelectuais: para isto fora necessário generalizar a própria língua. Aí é que bate o impossível. Entretanto o Inglês vai falando inglês na terra e nos mares, quer o entendam, quer não, e só em casos desesperados recorre a algum idioma estranho, não sem o torcer, estafar e mutilar, com toda a barbaridade de um verdadeiro Kimhri! É uma teima perpétua entre a Europa e a Grã-Bretanha:

*O mundo a porfiar que os Bretões grunhem;  
E os Bretões a teimar que o mundo mente.*

Aquele caso de Mr. Graham fora mais um capítulo desta polémica eterna.

Nós, os portugueses, pensámos então em buscar uma guarida para passarmos a noite, porque algumas pingas grossas de chuva nos anunciavam um aguaceiro iminente. Dirigimo-nos a mestre João, que nos declarou categoricamente ser impossível dar-nos entrada na toca miserável a que ele tivera a ousadia de pôr o nome de câmara; e isto pela razão composta de que os três ingleses a ocupavam inteiramente e de que não podiam ser dali expulsos, tendo pago trinta *shillings* por cabeça, enquanto nós pagáramos só vinte. O argumento era de uma solidez irrepreensível. Pedimos-lhe, todavia, humildemente que nos declarasse onde nos poderíamos resguardar da água do mar e do céu; porque, se houvéssemos pretendido passar a nado de Jersey para França, escusáramos ter-lhe pago a malaventurada capitação de uma libra esterlina, que nos fazia descer, na escala social, dez *shillings* ou dez furos abaixo dos três ingleses.

Os selvagens têm mais que os homens civilizados a eloquência do gesto e o bom do normando, forçoso é confessá-lo, dava todos os indícios de verdadeiro butecudo. Tomando a postura sublime de um *seekoenig*, o rei do mar dos antigos sagas da Islândia, e com um *là* que podia fazer ainda mui decente papel ao lado do *qu'il mourût* de Corneille, o arrais, espécie de Bonaparte junto às Pirâmides, nos apontava para a escotilha de avante, a escotilha da boca do porão, e parecia dizer-nos no seu gesto mudo: «Aí quarenta dores reumáticas vos esperam?» Melhor era isso, contudo, do que amanhecer inteiriçados sobre a tolda: e, assim, dando-nos por avisados, arremetemos com o abismo.

Escada não havia e as trevas interiores não eram menos densas que as trevas exteriores, de que reza a Bíblia, onde há o choro e o ranger de dentes. A altura, porém, não devia ser grande. Como os cavaleiros do Palmeirim de Inglaterra, cada um de nós se encomendou à dama dos seus pensamentos e, do modo que pôde, desceu aquela espécie de *bolgia* dantesca.

O *chasse-marée*, destinado a transportar gado de França para as ilhas do canal, ia em lastro, e o lastro era de areia. Se não fossem os terríveis balanços da embarcação, a pocilga em que nos achávamos poderia passar ao tacto, único sentido de utilidade naquela situação, por uma praia deserta. Depois de apalparmos por largo tempo em volta de nós, achámos por fim uma vela e alguns cabos, lançados para uma extremidade do areal flutuante. Ao menos, tínhamos um leito, se não mais macio, ao menos mais enxuto que esse com que já contávamos. Uma pouca de areia húmida por pavimento, algumas braças de lona por leito, e por agasalho e cobertura a tolda de um miserável barco eram, com as trevas que nos rodeavam nesse momento, toda a nossa consolação e abrigo.

Se esta recordação escrita, humilde e obscura, como seu autor, passar ante os olhos do major C \* \* \* <sup>10</sup>, ele há-de por certo lembrar-se de que essa noite foi das bem dolorosas e tristes da sua larga vida de sofrimento e abnegação; da sua vida de honesto e valente soldado. Padecimentos antigos haviam crescido com os trabalhos e estreitezas do desterro, e, posto que o seu ânimo de ferro lhe não consentisse o soltar um só queixume, o incêndio lavrara lá dentro e a dor, que não podia subjugar-lhe o espírito, às vezes se lhe revelava no gesto confrangido. O seu estado gerava em nós, que sinceramente o amávamos, sérios receios. Mas, como o padecer se não traduzia em gemidos, no meio da escuridão, e entretidos com a cena ridícula do poeta da temperança e da aguardente, havíamos-nos persuadido de que esse padecimento diminuiria consideravelmente.

---

<sup>10</sup> Actualmente (1843) brigadeiro Celestino Soares.

Deitados em cima da vela convertida em colchão, os meus companheiros breve adormeceram. Quando a consciência está tranquila, a mocidade encontra facilmente o repouso, ainda no mais duro leito. Só eu veleii; porque lhes levava uma vantagem, talvez antes desvantagem, uma imaginação mais ardente. O major C\*\*\* também parecia dormir.

Achava-me, finalmente, só!

Havia muito que para mim não existia a vida íntima, senão no silêncio da noite. O dia, esse passava-o como embriagado na agitação. tumultuosa do peregrino, vendo fugir diante dos olhos, na terra e nos mares, os quadros e as cenas de uma natureza e de uma, sociedade diversa daquelas que me tinham cercado na infância e na primeira juventude. Era de noite que a imagem da Pátria, terribilíssima de saudades, se me assentava, como pesadelo, sobre o coração e me espremia dele bem amargas lágrimas! Aos Vinte anos, a nossa alma, viçosa e virgem, tem afectos para derramar com mão larga, por tudo o que nasceu e cresceu junto de nós; por todos aqueles que nos ensinaram a balbuciar as primeiras palavras e nos guiaram os primeiros passos no caminho da vida. Para achar deleite em vaguear fora do nosso ninho paterno é preciso haver passado a idade das esperanças; é preciso ter já calcado aos pés, inteiramente sugado, o pomo das ilusões e assistir ao drama da existência, não como autor possuído do seu papel, mas como espectador indiferente que sabe ser esse drama um embuste, algumas vezes atractivo, mas sensabor as mais delas; é preciso ser homem; e eu tinha então vinte anos. Por isso, este errar entre estranhos teria para mim sobejo tédio e tristeza, quando se lhe não ajuntassem outras mágoas e privações e muitos géneros.

O desterro é uma das mais profundas misérias humanas; mas a pobreza, no desterro, é o tormento mais intolerável do espírito, porque é um composto monstruoso de saudade, de humilhação, de abandono, de desesperança, que vos lembra cada dia, cada hora, cada instante, a vossa situação desgraçada; que vos recorda sem cessar que sois uma espécie de Aasvero, de judeu-errante, que a maldição de Deus guia, em meio do desprezo dos homens, em meio dos vitupérios e dos trabalhos, por uma peregrinação sem termo e sem horizonte. Tendes de experimentar a afronta e calar os maus tratos e sofrer a fome e a nudez e não ousar pedir uma esmola, porque o pobre estrangeiro é um ente médio entre o homem e o animal, a sua linguagem ininteligível e ridícula, a sua dor e o seu sentimento quase um impossível, o nome do seu país a fábula e o escárnio das gentes, sobretudo se esse país é fraco, limitado e obscuro. Então vem o comparar tudo isso com os cómodos e gasalhado do lar doméstico, com o amor e a amizade que vos cercavam de suavidade o viver de outro tempo, e a comparação vos converte em fel e lágrimas o sangue mais puro das veias. Tombastes de pedra em pedra e caístes no fundo de um abismo: lá acharam os vossos membros pisados e feridos um leito de sarças; e daí medis de contínuo a altura da queda, porque vos luz lá em cima o céu da Pátria e a saudade vos mede palmo a palmo a distância que vai do despenhado a essa imagem querida.

Que todos aqueles que nunca saíram de sob o tecto da sua infância; que nunca buscaram debalde o sol esplêndido da terra ocidental para o saudar na manhã de Primavera; que nos remansos do seu rio natal não imaginam o enovelar-se e o bramir das vagas do oceano; que nunca viram o céu chato do Norte pesar sobre a campina, estendida como cadáver e coberta do seu sudário de neve; que esses alguma vez se recordem e compadeçam do pobre foragido, a quem as intolerâncias insensatas e feridas de paixões políticas arremessaram para estranhas regiões. Seja qual for a vossa crença, a vossa parcialidade doeii-vos dele; porque as doutrinas podem ser erros, mas não são crimes. E, demais, quem vos diz que essa opinião que vos parece verdadeira e santa, vos não parecerá com o tempo absurda e má, se de sincero coração a seguis?

Engolfado nestas ideias, posto que bem desperto, conservava-me calado no meio dos meus companheiros, os quais dormiam placidamente ao murmurar da água no costado do *chasse-marée*, que rompia pelas vagas agitadas. De vez em quando, os mastros rangiam com os turbilhões de vento e sentia-se um golpe soturno e embaçado sobre a tolda. Era alguma onda que salvava por cima do baixel, como a que viera acalmar a cólera do esgrouviado Mr. Graham. Depois ouvia-se a voz do arrais, que proferia algumas palavras ininteligíveis; depois, outra vez só o silvar da procela.

O major C\*\*\* revolveia-se, entretanto, perto de mim, ao que parecia, grandemente inquieto. A persuasão, talvez, de que ninguém o escutava e a intensidade da dor arrancaram-lhe, enfim, um gemido. A sua energia moral sucumbira. O veterano, depois de largo combate de muitas horas, declarou-se vencido.

Falei-lhe em voz baixa: na tristeza da noite, o padecimento físico parece achar consolo no som da voz humana. Era o único socorro que, na situação em que nos achávamos, lhe podia ministrar.

A nossa conversação durou por algum tempo; nesta conversação havia para mim o refrigério do espírito, porque nos recordávamos da Pátria: ele buscava assim um alívio para dois géneros de angústias, as do espírito e as do corpo. Era mais infeliz do que eu!

Por este modo passou grande parte da noite. A tempestade crescia progressivamente e o balanço do *chasse-marée* era já intolerável. Começámos então a sentir por cima das cabeças os passos apressados dos marinheiros e um som estranho, como de mar quebrando ao longe em agra penedia. Este som, semelhante ao disparar de artilharia por sotavento, aproximava-se gradualmente.

Daí a pouco ouvimos correr rapidamente a amarra pelos escovéns. Era incrível que tivéssemos chegado tão depressa ao termo da nossa viagem. As seguintes palavras de mestre João, precedidas de uma praga, não nos deram vagar de fazer sobre isso largas conjecturas:

– *Ventre-Saint Gris*... a amarra... vamos a pique! <sup>11</sup>

Foi o que pudemos perceber. E era sobejo.

O major C\*\*\* ficou imóvel. Quanto a mim, o primeiro pensamento que me cintilou no espírito foi o despertar os nossos companheiros. Mas porque não haviam de morrer tranquilos? Deixei-os.

O brado do arrais fora seguido de um momento de tremendo silêncio: depois senti que o *chasse-marée* fazia um singular movimento, como galgando pelo dorso de enorme vaga; após isto pareceu-me que subitamente parara e ouvi de novo falar na tolda. Era a voz de Mr. Graham, o poeta agoureiro e esguio.

Este momento de incerteza foi horrível. Então conheci bem a verdade de uma frase de Milton: «*A escuridão visível.*» Nas trevas profundíssimas em que estava via o reluzir do mar ao redor da vela branca em que jazíamos; e os olhos da minha imaginação enxergavam através da água os rochedos de sorvedouros submarinos, onde os nossos cadáveres deviam dentro em pouco achar uma sepultura desconhecida.

Não sei como, mas a verdade é que, no meio do terror de morte aflitiva e demorada, me veio à cabeça uma ideia ridiculamente consoladora. Foi esta a imagem de Mr. Graham, sumindo-se nas goelas de um tubarão com a sua fábrica inteira de versos e a meia fábrica de Leeds que trazia distribuída pelos seus quatro casacões incomensuráveis.

Passou um minuto, passaram dois, passou terceiro; e a nossa vela enxuta, e o baixel perfeitamente tranquilo. A morte, se tinha de vir, era tão lenta e derreada como a melopeia da declamação inglesa.

---

<sup>11</sup> Textual.

Porventura, havíamos encalhado nalgum banco de areia, porque o *chasse-marée* evidentemente não abrira; aliás, o mar devia ter-nos já sorvido.

Lembrei-me de subir à tolda. Mas como? O lugar onde nos achávamos representava uma verdadeira masmorra de castelo feudal. O escotilhão por onde descêramos era mais alto do que um homem; além disso, o estrado da boca tinha sido aí colocado, como a campa sobre um túmulo, e em cima do estrado sentíramos lançar uma lona breada para impedir a invasão das ondas que galgavam pelo tombadilho.

Esperei pois, que amanhecesse e que então obtivéssemos a luz e a liberdade da munificência de Micer Jean Legris. Entretanto, o major parecia mais tranquilo: a quietação do *chasse-marée* e a sonolência da antemanhã eram aparentemente a causa disto.

A alvorada assomou, enfim, no oriente: alevantou-se o estrado e a luz branda do romper do dia veio alumiar o nosso calabouço marinho com uma claridade frouxa e suave. Não esperara de balde em mestre João: o *seekoenig* concedia-nos o favor de aspirarmos um ambiente puro e livre.

Subi à tolda. O Sol surgia como um grande orbe vermelho flutuante sobre as ondas levemente crespas. No sudoeste, uma nuvem negra e ampla parecia firmar-se em pé no horizonte, prolongando os cimos dentados pelas alturas do céu: era a procela, que fugia varrida pelo nordeste. A superfície enrugada do oceano tinha não sei quê semelhante a gesto humano que sorri. Eu contava uma dessas raras alvoradas do navegante, em que, no aspecto do mar, se lê o nome de Deus e, no sussurro da brisa, escuta o hino da criação.

Onde estávamos nós? No recife de um ilhéu, vizinho das costas da Normandia, cujo nome se me varreu da memória. A caldeira onde nos achávamos teria três vezes o comprimento do *chasse-marée* e ainda menor largura. Olhei para a entrada, e os cabelos eriçaram-se-me ao vê-la. Custava a perceber como o nosso baixel a atravessara sem se fazer em pedaços: era um labirinto de rochedos agudos quase indelineável.

Mestre João Legris, não sei por qual razão náutica, tendera fundear junto aos penedos que defendem a boca daquela abra até que chegasse a manhã. Ao lançar âncora a amarra quebrara, roçando sobre as rochas. Este sucesso desastrado arrancara da boca do arrais a enérgica exclamação, que tão terrível fora ferir-me os ouvidos no meio das minhas dolorosas cogitações. Felizmente, uma vaga monstruosa, erguendo o *chasse-marée* sobre o dorso, o arrojou por entre os parcéis, talvez por cima deles, e nos salvou da morte, que aliás seria inevitável.

A saída do recife deu mais trabalho aos nossos marinheiros do que lhes dera a entrada. O Sol ia já mui alto quando abrimos todas as velas ao vento. Este era de feição, e dentro em poucas horas aportámos a Granville.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1998

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*